



## Tempo, No. 219

<http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.ahmtem19741208>

---

Use of the Aluka digital library is subject to Aluka's Terms and Conditions, available at <http://www.aluka.org/page/about/termsConditions.jsp>. By using Aluka, you agree that you have read and will abide by the Terms and Conditions. Among other things, the Terms and Conditions provide that the content in the Aluka digital library is only for personal, non-commercial use by authorized users of Aluka in connection with research, scholarship, and education.

The content in the Aluka digital library is subject to copyright, with the exception of certain governmental works and very old materials that may be in the public domain under applicable law. Permission must be sought from Aluka and/or the applicable copyright holder in connection with any duplication or distribution of these materials where required by applicable law.

---

Aluka is a not-for-profit initiative dedicated to creating and preserving a digital archive of materials about and from the developing world. For more information about Aluka, please see <http://www.aluka.org>

## Tempo, No. 219

Alternative title	Tempo
Author/Creator	Tempográfica
Publisher	Tempográfica
Date	1974-12-08
Resource type	Magazines (Periodicals)
Language	Portuguese
Subject	
Coverage (spatial)	Mozambique, Guinea-Bissau
Coverage (temporal)	1974
Source	Arquivo Histórico de Moçambique, PP 570 AHM
Rights	By kind permission of Tempografica.
Description	Nota da redacção. À redacção. Semana a semana. Vimos, lemos e ouvimos. Países Africanos. Palavras Cruzadas. Tempo desportivo. Situação.A mulher fala dos problemas da mulher na revolução. Serviços de saúde reorganizam-se. Obrigado PAIGC. Escolas preparatórias: Um mês depois do início das aulas tudo na mesma?
Format extent (length/size)	68 page(s)

<http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.ahmtem19741208>

61%

61%

%A

..na decisão da escolha.

No simples gesto de o acender. No p ae êofmr

Na ale'gria de o0 oferecer! EXIGENCIA, marcando o ritmo no trabalho, na acção e no prazer!

IM Um cigarro completo. Equilibrado.

IM Um cigarro totalmente conseguido.

Ue oçN

Cota

A libertação

da mulher Moçambicana j

é assunto desta edição

Nota da redacção ..... 1

A redacção ..... 2

Chamados todos a participar; Em resposta'a Joaquim Ralane; Nos C.F.M. não houve saneamento; Tribalismo em Moçambique; Seu a seu dono

Semana a semana ..... 4

Enviados da ONU visitam

Moçambique; Presidente da Frelimo visita países socialistas; Novo governador para a província de Nampula; Delegação do governó Suazi na capital do país; Eleições americanas; Secretário do Estado Adjunto norte-americano para assuntos africanos contactou governo de transi çã0; Armando Guebuza na Matola; É errado pensar que o nosso governo é substituir brancos por pretos; Enchimento da albufeira de Cabora Bassa dará a Moçambique um dos maiores lagos do mundo

Vimos, lemos e ouvimos ..... 10

Espectáculos: «Hair» - Tão pouco cabelol... E tão caro!; Discos, A nossa música

Alexandre Djafete

Países Africanos (6) ..... 17

Palavras Cruzadas ..... 40

Tempo desportivo ..... 41

Pede-se critica; Futebol portu-

Moý.-mbique vive, efectivamente, uma situação de calma, com a sua vida completamente normalizada, após os trágcos acontecimentos do 21 de Outubro.

Unidos e vigilantes, entregues ao seu traballio, milhões de moçambicanos coãeçar) a ter uma visão mais correcta dos métodos de trabalho da Frelimo e, do que ela pretende efectivar em prol deste jovem país.

Grupos dinamizadores vão esclarecendo as populações mais afastadas das realidades circundantes, incutiindo-lhes conhecimentos básicos sobre a maneira de o povo se organizar, já que só organizados poderemos fazer frente às manobras reacionárias.

A nível de Governo, com a tomada de posse de novos governadores provinciais e de presidentes de câmaras cujas declarações merecem a atenção e guês em foco; Boa prova de futebol tanzaniano; Tomemos nota para evitar as mesmas questões; Da agenda; Educação Física também vitória da revolução cubana; Ginastas soviéticos em Portugal; Dois mestres do xadrez; Um campeonato do mundo para o Zaire; Xadrez é notícia

Situação: A propósito do decreto-lei 15-74 .....

Serviços de saúde reorganizam-se ..... 22

Obrigado PAIGC ..... 46

Escolas- preparatórias: Um

### REPORTAGENS

A mulher fala dos problemas da mulher na revolução ..... 12

de novas leis e contactos permanentes com o Povo, tudo aponta para os irreversíveis caminhos da descolonização, em trabalho realmente válido, realmente preocupado com os anseios das maiorias. Pode, assim, dizer-se, que Moçambique vive calmamente mas entusiasticamente, com fé e confiança, esta hora de trabalho e unidade, hora decisiva para o seu futuro, hora importante para a sua independência, hora necessitada da conjugação dos esforços colectivos para a construção deste país novo e cujas potencialidades são a garantia da prosperidade dos dias vindouros.

Coroando este momento, o camarada Presidente Samora Machel, p convite dos respectivos Governos, visitará três países - a República Democrática Alemã, a Bulgária e a Roménia-', numa afirmação indelével da representatividade depois do -início das aulas tudo na mesma? ..... 54

que o mesmo é dizer, do Povo Moçambicano.

Dos contactos mantidos entre o Presidente da Frente de Libertação e as altas entidades daqueles três países, por certo advirão enormes benefícios para a nação moçambicana, muitos dos quais só a longo prazo se farão sentir; mas que nem por isso são menos importantes.

Vivemos, portanto, pretos, brancos, mistos e asiáticos, em paz e fraternidade, uma hora altamente significativa, sublinhada não apenas pela harmonia nas relações entre todos, mas também na forma como nos vamos engajando nesta Revolução que propõe aos moçambicanos uma vida mais digna, mais próspera é mais feliz.

### CH~MADOS

#### TO~OS A PARTICIPAR

Muitas coisas mudaram neste nosso País, após a tomada de posse no Governo de Transição alguns elementos da FRELIMO., No Governo, na Universidade, nas escolas, nas câmaras, nas Indústrias, nas salas de reuniões, na imprensa, na rádio, nas ruas, nos escritórios., muita coisa entrou já em movimento e promete transformar o rosto de Moçambique. Só talvez nos campos, sobretudo nas aldeias do interior, é que tudo ou quase permanece como dantes, mas com vista de

participarem com todos dentro de pouco tempo, devido aos grandes esforços aplicados pelos nossos incansáveis militantes da FRELIMO.

Queria nestas linhas, usar uma linagem simples, dirigida sobretudo ao povo, que não entende «grandes retóricas», embora tenha vivido até aqui só de discursos. Não pretendo impingir a ninguém qualquer «receita» nem forçar a consciência de cada qual, levando-o a seguir as minhas opiniões e não o seu próprio caminho. Cada um, no uso da sua liberdade é que tem de fazer a sua própria escolha dentro dos moldes da democracia. Apenas me disponho a ajudar um pouco na reflexão. Em conversas simples e francas, tentando abrir uma espécie de diálogo, gostaria de dar uma ou outra pista e chamar a atenção de algum ponto mais esquecido ou que nunca é de mais repetir. Acima de tudo lembrar das coisas essenciais, -compreendidas e facilmente aceites no nosso tempo por todos os homens de boa fé, seja qual for o seu credo político ou religioso. Ora aquilo que hoje nos parece importante insistir é que **TODOS NÓS SOMOS CHAMADOS A PARTICIPAR** na construção do nosso país. **SAIR DA ATITUDE PASSIVA** em que o colonialismo nos lançou (e que alguns também se acomodaram, diga-se de passagem!) e **TOMAR PARTE ACTIVA** em tudo, quanto se faça à nossa volta para construir um Moçambique novo - eis a grande tarefa de toda gente.

Antes de estabelecimento do **GOVERNO DE TRANSIÇÃO**, o governo colonialista era quem sabia de tudo e quem providenciava tudo. E o povo não podia fazer, limitando-se apenas a cumprir as ordens. Com a **FRELIMO** no **GOVERNO** tudo está mudado. A substituição de umas pessoas nos lugares de responsabilidade é muito importante, mas não chega. É preciso que o povo colabore e participe activamente na construção deste nosso gigantesco País. O nosso povo viveu longos anos humilhado e impedido de se organizar e de se exprimir, já que tudo era prometido por via de paternalismo. Criou-se mesmo ideia errada - no nosso povo de que só sabe alguma coisa aquele que estudou nos livros, quando a escola da vida é bem mais importante. Os grandes, os doutores, os políticos, «esses é que entendem dessas coisas e sabem como é que hão-de falar!»... «Nós só sabemos lidar cá com as nossas machambas e cuidar das nossas palhotas».

O Povo-Povo, de mãos calejadas e suor no rosto, esses, verdadeiramente não contava. Tinha de esperar longas horas às portas ou junto dos «guichets» das Câmaras, das Repartições de Finanças, dos Registos Cíveis ou dos Consultórios médicos. Como compensação... Sempre tinha repreensões amargas. Devia contentar-se com isso. Se alguém não contentasse é porque se tratava dum rebelde. Se se distinguisse do comum dos mortais, se «botasse opinião» se refilasse contra «a sagrada ordem estabelecida» (quer no campo civil quer eclesiástico, que as duas coisas sempre andaram de braço dado...) naturalmente tinha «ideias comunistas» Nem mais nem menos: era um «comunista»! ou amigo perigoso dos comunistas. E\* dai a DGS se encarregava de lhe mostrar quão perigoso era ser amigo dos comunistas. Hoje devemos compreender, ninguém pode, ficar de fora: todos (sem excluir os jovens e as mulheres, como tantas vezes era feito) são chamados a dar o seu contributo por mais simples que seja ele, para construção de um Moçambique novo e democrático. A democracia é um Governo exercido, pelo próprio povo. E não é só quando chegarem as eleições que as

peças vão aparentemente participar dando o seu \*voto». . desde já, desde agora e de todas as formas e métodos ao seu alcance!

Há alguns que compreenderem isso antes de se radicar no Governo a participação da FRELIMO. E não tem sequer descansado! São militantes, são trabalhadores de todos os ramos, são alunos, são professores, são cristãos que querem assumir as suas responsabilidades dentro da igreja e torná-la diferente, são simpatizantes... Nada mais natural! O que é preciso é que não seja só nalgumas regiões. O que é preciso é que não sejam só uns tantos. É necessário que sejam todos em todas as actividades e em toda parte

do País.

Todos têm em esclarecimento a pedir e a dar. Todos, incluindo os que não sabem assinar o seu nome, e, podem e devem formar a sua opinião - mesmo, sobre os problemas que hoje lhes parecem difíceis, porque nunca os puderam discutir.

Todos são chamados a participar no progresso da sua terra ou de quem, lhe faça sua, na melhoria das condições de trabalho, na luta pela justiça, pela liberdade e na realização do Bem Comum.

Não é grande tarefa do homem do

século XX, construir um mundo mais

fraterno, um mundo em que não haja exploradores e explorados, um mundo em que «o Sol quando nasça seja para todos»? Não ensinou Cristo, e não ensina a

Igreja que todos os homens possuem uma dignidade idêntica e por isso a sociedade deve ser organizada de maneira a que todos tenham iguais

oportunidades na vida? E não dizem também OS PAPAS (a última carta social de Paulo VI, «Octogésima ad Veniens», fala exactamente nisto) que todas as pessoas têm o direito e o dever de participarem realmente nos diferentes aspectos da vida, da sua comunidade e do seu País? As duas palavras-chave desta carta são igualdade e participação e são estas as duas aspirações profundas do homem moderno.

O que é que nos pode impedir, então, de dar o nosso contributo, nesta hora em que se decide o futuro do nosso País? Medo? Acanhamento? Complexo de inferioridade (o fruto do colonialismo)? Cobardia? Ignorância? Comodismo?

Tudo isto tem de ser vencido com rapidez, coragem e fé. Ninguém pode faltar!

E ninguém está a mais! Respeitando a maneira de; ser de cada qual, ouvindo-nos e ajudando-nos todos uns aos outros, dando cada um aquilo que pode dar -

havemos de fazer da nossa terra uma terra progressiva e farta, onde todos tenham um lugar à mesa. Uma terra onde todos gostem de viver. E para vivermos dentro destas linhas, é só sob a orientação da FRELIMO!

Viva Frelimo!

Viva Moçambique!

Daniel Orlando Lourenço Lampião

SEU A SEU DONO

Em 1964 arrancaram-me as minhas machambas que fundei em 1927. Quando o sr. Governador disse para nós fazermos machambas que ia acabar com o chibalo, contrato. Claro que eu fiz uma grande machamba, satisfeito porque ia acabar o chibalo, E o sr. régulo cortou as minhas machambas e distribuiu-as aos srs. Abel Chiquelema Cossa, Mário Chiquelema Cossa, Israel Missanini Cossa; terreno que

media 6 hectares. O que quer dizer 2 hectares cada um dos ociosos que faziam pouco de mim quando eu fundava.

Quando tentei opor-me o sr. régulo

Fernando Caidunjua ou «Mugigi,» prendeu-me e levou-me para a prisão, Onde fui enviado para Majancaze onde trabalhei 7 meses sem ganhar. Chegamos em 1973. E o régulo ainda fazendo pouco de mim engravidou a minha filha, Laura Zefanias Cossa, a qual teve um bebé. Aborrecido levei o caso ao sr. Administrador. Não o tendo aPanhado fui atendido pelo sr. Adjunto que era manejado também pelo régulo

através dos seus milhões. E este sem sequer perguntar nada mandou-me embora alegando que a minha filha era prostituta e não o devia por isso incomodar sem ao menos requerer a presença do sr. régulo. Até à data eu é que sustento a minha filha e a criança. Por saber que domina todas as partes eu não tenho onde me queixar. Eu limitei-me a calar-me. E o sr. régulo não se sentindo talvez satisfeito ainda, voltou a levar-me as machambas que eu herdara do meu falecido pai, e deu-as aos filhos do segundo casamento de minha mãe. Se estes não tinham nascido aqui na propriedade! A minha mãe é que tinha saldo daqui para outro homem e daí teve filhos o sr. Abel Chiquelemo Cossa. Terá esse homem direito de ficar com aquilo que é do meu pai? Bem como o sr. régulo não me avisara quando levava a minha machamba, eu fui outra vez ao sr. adjunto. Este disse-me que eu não podia reclamar porque a machamba, o Abel tinha dado à mãe e que eu não o volta.

-se a «chatear» por este caso.

Será verdade que não posso reclamar essa machamba? Eu queria, esquecer o passado. Mas será possível, com os meus bens em poder de outro?

Zefanias M. Cossa

TRIBALISMO EM MoÇAMBIQUEAgradeço antecipadamente a publicação destas linhas na revista «Tempo» de que ã3. Exa. é dignissimo director.

Sabemos todos nós que atravessámos uma crise bastante difícil porque há ainda vestígios do colonialista que são: tribalismo, o racismo, as crenças religiosas e outras; isto é, a tal acção do «reaccionário».

Antes, peço a autorização de uma pergunta que me aparenta várias dificuldades.

Quais são a linha política e objectivos da Frelimo?

Não serão porventura a extinção do fascismo, tribalismo, racismo, exploração do homem pelo homem e a selvaiaaria?

Então, se é, porque se há-de conti« nuar a chamar a Manjacaze Concelho dos Muchopes? Não podia ser Conce,lho de Manjacaze?

Eu, com esta expressão não acredito na existência do tribalismo.

Acho que não devíamos seguir o que os colonialistas implantaram, pois foi de mau senso a sua implantação.

Com os protestos de maior consideração, subscrevo-me muito atentamente, Paulo Manhique

Serve a presente carta de informar que existe ainda um número considerável, de elementos do então regime salazarista. marcelista, fascista e racista.

Sublinha-se um mau procedimento nos comboios de passageiros, principalmente

na linha do Limpopo, praticado pelos revisores e seus auxiliares aos passageiros que viajam habitualmente por aquela linha, e que se encontram no gozo de plena liberdade por um Moçambique livre. Muitos amigos, parentes e pessoas em geral que viajam de Malvénia a Lourenço Marques, e vice-versa, não há outra conversa a não ser do mau tratamento nos comboios quando em viagem. Sucede. Sendo eu um residente na área desta linha, assisto tal procedimento. Um dia, ao sair da estação de Malvénia para Lourenço Marques, num comboio internacional, cheguei mas é, na conclusão, ao verificar, os auxiliares de revisor arrumar os passageiros em número superior a 12, nos compartimentos com 6 lugares apenas cada um, com o intuito de os incomodar e mostrarem-se-lhes que também são. Pois, ao experimentar apresentar-lhes reclamações \*or. este motivo de, enchimento de compartimentos, enquanto vejamos tantps em vago, respondeu-nos um deles amargamente por estas palavras: «você não sabem nada, e nada mandam aqui, quem manda sou eu»!... isto acontece principalmente aos passageiros que compram bilhetes de 3. classe, os quais, o número maior são pretos.

Que pensa? Livres? Qual!!! numa diÊtância de quase doze horas de viagem incomodada e sem possibilidades dp dormir, é bom? Será liberdade? Acho que não.

Muito bem sabemos que os comboios de passageiros, Só as carruag o-s de 3r classe não levam menos de duas, tendo cada carruagem uns tantos compartimentos que, se os revisores e seus auxiliares nos deixassem entrar à vontade, serviríamos comodamente. Se bem que o povo de Moçambique está livre de tudo, por que é que os revisores e seus auxiliares nos comboios não deixam os passageiros entrar à vontade nos compartimentos à sua escolha na classe respectiva?

Senhor Director, amigos e povo de Moçambique livre, existem ainda racistas que não deixam o povo gozar a sua liberdade. Certo é que nos C. F. M. não há nenhum saneamento, mas se o houvesse, contávamos com mais um passo!...

De V. Exa. atentamente,  
Alberto Pedro Moiane

EM RESPOSTA

A JOAQUIM RALANE

pela primeira vez que tomo a iniciativa de escrever para a revista «Tempo», cujo trabalho neste momento político em que Moçambique vive, tem vindo a proporcionar grande interesse e rotundo júbilo a todos os camaradas leitores.

É uma ousadia bem sei, mas para isso, conto é apelo a Vossa benevolência sobejamente comprovada para que me perdoe neste atrevimento, pois, tomar-lhe-ei alguns minutos preciosos. Em seguida, rogo a V. Exa. o obséquo de mandar publicar esta impertinência em réplica à exortação do camarada Joaquim Ralane. Camarada Joaquim Ralane, ao ler e reler com uma viva ansiedade e um bem estar \sem igual a sua exortação na revista n.º 214 de 3 de Novembro de 1974, fiquei perplexo, e impregnado dum calafrio inimaginável. Escrevi não sei quantos rascunhos, quase ia me desistindo, mas, encorajei-me com o parágrafo inicial do seu exórdio que o transcrevo:



«Abordemos sem receios, alguns

renitentes acontecimentos que servem de barreiras ao progresso da juventude Moçambicana».

Porém, sem receios, conclui que o camarada Ralane, pôde ver o crime feito pelos recrutadores e não antes o que renitentemente você fez.

O imposto de que se referiu baptizado com o nome de domiciliário, não se equipara com o que o camarada Ralane faz no seu serviço como chefe?

Não baptizou o nome de jardineiro com o de servente do hospital?

Acha o camarada Ralane ser certo e justo que os serventes do hospital ou da Maternidade sirvam às flores em vez dos doentes?

Não será isso um atentado afrontoso, criminoso, colonial, fascista e racista?

No tempo do fantoche baptizado com" o nome de Doutor, atribuíamos toda a culpa a ele, quando era vossa os dois. E agora? Não podia ter acabado com essa manobra colonial? E para inolvidavelmente se manifestar como fascista à grande, o camarada baptizou o nome de Joaquim Rulane com o de Joaquim Ralane, não é? Camarada Joaquim Ralane, o que aqui ficou referido, não é uma vingança, apenas, é um modo de combater, para aniquilarmos completamente o fascismo em Moçambique e podermos reedificá-lo em plena pujança, pois, diz a palavra de ordem: Unidade, Trabalho, Vilânci. Não obstante, ~ os imbróglis que são hoje a causa da inquietação onde reinaria paz e harmonia, na linha política da Frelimo, não têm tolerância, mas antes vale lutarmos para acabarmos, com eles do que estarmos ainda a seguir os passos fantoches; custe que custar, unanimamente, os vamos vencer.

Bambo Cuamba Guirugu

NOS C. F. M. NÃO HOUVE SANEAMENTO

PÁGIN'A 4

SEMANA A SEI

Em cima: aspecto duma conferência de imprensa dada por aqueles dois destacados elementos do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas  
Ao lado, em cima: Michel Doo Kingue, Director Regional do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas

Em baixo: Winston R. Pratley, representante regional para os países do sudoeste do continente

ENVIADOS IA ONU,, VSITAM

Chegaram recentemente a Lourenço Marque dois destacados elementos do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, que se deslocaram a Moçambique a convite do Presidente Samora Machel para discutir e estudar as formas que tomará o -auxílio da ONU ao nosso país. Recebidos no aeroporto Gago Coutinho pelo Ministro da Coordenação Económica, camarada Mário Grayça, os dois visitantes, Michel Doo Kingue e Winston R. Pratley, exprimiram a sua satisfação por se contarem entre os primeiros funcionários das Nações Unidas a visitar Moçambique depois da investidura do Governo de Transição. Falando aos jornalistas presentes, Michel Doo Kingue, Director Regional para África do Programa de Desenvolvimento- da ONU, declarou:

«O que posso dizer, é que se querem ser bem sucedidos têm que contar cada vez mais com as vossas próprias forças, com o povo organizado. Não há manual que vos possa determinar o caminho que podereis tomar pois, cada comunidade nacional tem as suas particularidades, que há que ter em conta para além das experiências dos outros povos». No dia seguinte, os dois enviados da -ONU estiveram presentes a uma reunião de trabalho com vários membros do Governo, nomeadamente o Primeiro-Ministro Joaquim Chissano, e os Ministros da Administração Interna Armando Guebuza, da Coordenação Económica, Mário Graça, da Educação

#### MOCAMBIODE

e Cultura, Gideon Ndobe, da informação, Óscar Monteiro, e também o Secretário de Estado da Agricultura Jorge Tembe e o Secretário de Estado Indigitado para o Ministério da Saúde, Samuel Dlakama. No decurso da reunião foram analisadas as necessidades mais prementes de Moçambique e a forma como poderá processar-se o auxílio económico das Nações Unidas. <

Michel Doo Kingue testemunhou do interesse que a experiência histórica que o nosso país vive, está a despertar entre os países membros da ONU e encorajou o povo de Moçambique a prosseguir na sua labuta descolonizadora.

#### IMPORTANTE DONATIVO PARA A FRELIMO

O Comité de Solidariedade da \* epública Democrática Alemã ofereceu à Frelimo 200 mil dólares de alimentos, equipamento óptico, vestuário e calçado. A entrega do donativo foi feita pelo Secretário - Geral daquele organismo, Hans Schars, em Dar-Es-Salaam.

#### PRESIDENTE DA CAÁRA. INENTEMENTE POLIMCO»

O camarada Bonifácio Gruveta, 4Governador da Zambézia, confexiu posse a Jacinto Ricardo no cargo de Presidente da Câmara Municipal de Quelimane.

Usando da palavra, Jacinto Ricardo, afirmou a certa altura:

-Na estrutura da orgânica da Frente de Libertação de Moçambique, o Presidente da Câmara vai deixar de ser a quilo que até aqui era, passando a ser um homem eminentemente político e como tal vai ser aproveitado para, por se intermédio, se fazer a transferêndia do Poder para as massas populares.

#### SOMICIO NO MAQUIVAL

Mais de, mil pessoas assistiram no y dia 30 de Novembro a um comício efectuado no Posto de Maquival, concelho de Quelimane, que contou com a presença do Governador da Zambézia, Bonifácio Gruveta, elementos das Forças Populares e dezenas de militantes. O camarada Bonifácio Gruveta, exprimindo-se quer em português quer em chuabo, referiu-se detalhadamente aos vários aspectos do colonialismo, sublinhando que a unidade do povo era uma das condições para a vitória da Revoliução, tendo abordado ainda problemas relacionados com a divisão com base na cor, na situação económica e na subalimentação da mulher. Mais adiante, Bonifácio Gruveta salientou:

-O O Governo da Frelimo não é um governo de gabinete, mas para conhecer, num contacto vivo e incessante com o povo, os seus problemas e ajudá-lo a resolvê-los. Mas problemas que herdamos de séculos de opressão e exploração colonial não poderão ser resol«dos em seis meses.

A Revolução Portuguesa e os aspectos mais' directamente com ela ligados, «o regresso dos torturadores e da sua máquina repressiva se a unidade do povo moçambicano for quebrada», o ensino, as deficientes estruturas sanitárias e, finalmente, as palavras de ordem Unidade, Trabalho, Vigilância, foram também assuntos referidos pelo governador Bonifácio Gruveta.

Usaram ainda da palavra diversos militantes que sublinharam os diversos problemas relacionados com a construção do Moçambique novo.

#### **PRESIDENTE DA FRELIMO VISITA PAISES SOCIALISTAS**

O Presidente da Frelimo, camarada Samora Machel, encontra-se neste momento na Alemanha Oriental, onde, a convite do Governo daquele País, efectuará uma visita de dez dias, realizando

deslocações para a Roménia e à Bulgária. Os nossos camaradas Calane da Silva e Kok Nam farão a cobertura para os nossos leitores desta importante via.

#### **COMANDANTE CHIPANDE EM PORTO AMÉLIA**

- Vim a Porto Amélia para contactar com o Povo e com todos aqueles que aqui se encontram. Este momento que nós estamos a viver aqui e que é um marco importante na nossa história e na história do Terceiro Mundo não veio por acaso.

Afirmou o comandante Alberto Joaquim Chipande, chefe-adjunto da Defesa da Frelimo e membro da Comissão Militar Mista, durante uma sessão de trabalhos em que foram tratados problemas relacionados com a estruturação dos diversos serviços públicos e apresentadas as dificuldades existentes nos vários sectores de actividade daquela Província. Encontravam-se ainda presentes Raimundo Pachinuapa, Governador de Cabo Delgado, o chefe provincial dos Serviços de Administração, dr. Marques de Castro, o comandante Matéus Malichocho e todos os chefes de serviço da Província de Cabo Delgado.

Definindo o inimigo, Alberto Chipande sublinhou que «a luta do Povo Português e a luta do Povo Moçambicano eram lutas comuns e dirigidas contra um mesmo inimigo»:

- Em Portugal quantas famílias mandavam? Quem tinha regalias em Portugal não era o Povo Português, eram essas trinta famílias.

Depois de salientar a luta heróica do Povo de Moçambique sob a orientação da Frelimo- o que permitiu a subida ao Poder do Governo de Transição e a descolonização -, o camarada Alberto Chipande debruçou-se para os problemas que Moçambique atravessa, afirmando ser necessária a colaboração franca de todos, tendo declarado:

- A situação que se vive agora em Portugal e em Moçambique é o resultado da luta dos nossos dois povos. O povo nunca recua. O povo sempre avança, quer liberdade, aprende com-os seus próprios erros mas obtém a vitória.

Em nome dos funcionários, falou o intendente administrativo dr. Fernandes Marques de Castro, que se referiu aos laços fraternais que ligam os povos Português e Moçambicano e à língua portuguesa que será um elo de união indestrutível. Agradecendo a visita do camarada Chipande, o intendente Marques de Castro manifestou o desejo de que membros do Governo continuassem a

visitar todos os pontos de Moçambique de modo a poderem esclarecer e eliminar os problemas que surgirem.

No decorrer da sessão, intervieram também diversos chefes de serviço, que exuseram e analisaram os problemas existentes nas suas repartições.

SEMANA SEMANA  
NOVO GOVERNADOR  
DA PROVINCIA  
DE NAMPOLA

Foi nomeado Governador da Província de Nampula o camarada Armando Panguene, membro do Comité Central da Frelimo, que vinha exercendo as funções de Comissário Político Provincial de Lourenço Marques e de presidente da Comissão Administrativa do Rádio Clube de Moçambique.

O camarada Panguene, nascido em Marracuene a 18 de Dezembro de 1942, é militante da Frelimo desde 1964 e foi representante da Frente de Libertação de Moçambique no Egipto e na Roménia.

ELLEGAÇÃO O-DO GOVERNO SOAII NA  
CAPIIAL DO PAiS

Com a finalidade de efectuar conversações a nível ministerial, deslocou-se a Lourenço Marques uma delegação do Governo da Suazilândia, chefiada pelo Ministro dos Transportes e Comunicações daquele país vizinho, dr. Allen Nxumalo.

Os problemas versados incidiram sobre caminhos de ferro, portos, correios, aviação civil, rios e estradas.

O grupo, constituído por oito elementos, de que fazia também parte o secretário permanente do Primeiro-Ministro suázi, teve encontros de trabalho com entidades do Governo de Transição de Moçambique, entre os quais, o Secretário de Estado das Obras Públicas e Habitação, arquitecto Júlio Carrilho, primeiro, e depois com o Ministro das Comunicações e Transportes, eng.º Eugénio Picolo.

O dr. Allen Nxumalo, em declarações prestadas a um jornalista sul-africano do grupo «Argus», sublinhou que como resultado de anteriores conversações efectuadas entre a Suazilândia e o Governo de Moçambique, o número de comboios ligando os dois países duplicara praticamente, passando de uma média diária de quatro para oito comboios.

COMUNICADO

DO MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO

Entretanto, a propósito daquelas reuniões de trabalho, o Ministério da Informação do Governo de Transição de

Moçambique distribuiu o seguinte comunicado:

Realizou-se em Lourenço Marques uma reunião de trabalho entre uma Delegação Governamental da Suazilândia, chefiada pelo Ministro dos Transportes, e os Ministros locais das Comunicações e Transportes, Obras Públicas e Habitação, na qual foram tratados entre outros, os seguintes assuntos:

TRANSPORTES AÉREOS

Estudam-se as bases de um acordo bilateral entre Moçambique e a Suazilândia, que prevê uma coordenação de procedimentos no que diz respeito ao tráfego

aéreo, incremento dos serviços do rádio, telecomunicações para a navegação aérea, troca de informações meteorológicas e cooperação no treino do pessoal. Neste capítulo, foi encarada ainda a possibilidade de incrementar as ligações aéreas entre os dois países e mesmo o aproveitamento da nova rede de transportes aéreos recentemente iniciada em Moçambique para através dela se escalar Zâmbia, Malawi, Tanzânia, além doutros países africanos.

#### TRANSPORTES FERROVIÁRIOS

No campo dos transportes ferroviários, iniciou-se o estudo tendente a restaurar a eficiência e importância deste meio de transporte; a colaboração na formação do pessoal; no estabelecimento de horários, bem como no estudo de plataformas de intercâmbio no que se refere à informação, técnicos, custos, exploração comercial e política de fronteiras. Definiu-se também a necessidade de uma íntima cooperação no que respeita ao desenvolvimento do porto de Lourenço Marques, procurando-se formas de promoção e meios para aumentar a sua produtividade.

#### ESTRADAS

As comunicações por estrada, foram também matéria de conversação, tendo-se discutido a sua importância política e económica para os dois países.

#### LIGAÇÕES TELEFÓNICAS AUTOMÁTICAS

Foram estudadas as possibilidades de instalação de um sistema automático de comunicações telefónicas entre os dois países, bem como a possibilidade de comunicação via-satélite através da estação de Boane para os países vizinhos.

#### RESERVAS HÍDRICAS DO UMBELOZI

No âmbito específico do Ministério das Obras Públicas, foi proposto o estudo de acordos entre os dois países para um equilibrado e justo aproveitamento comum das reservas hídricas da bacia do Umbelúzi.

#### AS ELEIÇÕES AMERICANAS

pot Cateos 7ettão

A espectacular vitória eleitoral do partido democrático nos Estados Unidos restabelece o princípio essencial do equilíbrio de poderes na sua política. Nele assentou, até 1932, o funcionamento das suas instituições, desde a fundação da nacionalidade americana e a definição dos princípios constitucionais que enformaram o seu regime na Convenção de Filadélfia. Naquele ano o país e o mundo capitalista foram assolados por uma crise económica sem precedentes e o presidente da República, chefe do executivo, sobrepôs-se ao poder legislativo para exercer com a tácita sanção dos seus concidadãos, uma ditadura simbolizada pelo conjunto de medidas de emergência conhecido por new deal. Três presidentes sucessivos, oriundos das fileiras republicanas - Harding, Coolidge e Hoover - haviam dado tais provas de incapacidade e incúria que o seu sucessor, o democrático Franklin Roosevelt, foi apoteoticamente aclamado e aceite sem oposição à sua divisa de que a salvação do povo merecia o sacrifício dos princípios.

Assim começou, na história dos Estados Unidos, um período novo que agora terminou. O epílogo será facilitado pela presença na Casa Branca de um presidente Gerald Ford, politicamente medíocre, a quem falta a consagração do

voto popular, obrigado a exercer as suas funções no rescaldo de um escândalo que amplamente justifica a derrota do partido republicano.

Nos próximos dois anos não será esse presidente que regerá os destinos do seu país,, mas o Congresso. O caso Watergate foi o ponto culminante de um processo de erosão do legislativo, cuja derradeira fase -- ao mesmo tempo monstruosa e caricatural

- teve por protagonista um cínico que substituíra por uma camarilha irresponsável os delegados da representação popular nos escalões da administração e da política. A sua ascensão às culminâncias do poder, levou-o a interpretar segundo os ditames de. uma consciência turva, o âmbito do mandato que a confiança do eleitorado lhe confiara; Segundo uma tradição, consagrada pelos factos, o partido democrático era o partido da guerra e o povo americano aspirava à paz que seria o remate de uma tentativa imperialista, frustrada e decepcionante. O intervencionismo militar era contrário à tradição e aos anseios desse povo, alheio ao espírito

de cruzada que os seus governantes pretenderam insuflar-lhe: a cruzada da democracia, em 1918, com o democrático Wilson; e a cruzada anti-comunista com Truman, trinta anos depois. A missão de Richard Nixon consistia em dissipar o pesadelo de Um conflito, distante pela localização, e repugnante pelos métodos. Roosevelt, Truman, John Kennedy, que deram aos Estados Unidos o domínio económico e militar no mundo e o primeiro lugar no contexto internacional, criaram uma falsa imagem da missão. universalista e huma: nitária do povo americano. Nela se inseriu a aberração nixoniana que gangrenou o corpo nacional, a partir do serralho da Casa Branca, onde se concertavam, numa conspiração permanente, tramas cuja revelação siderou o mundo. Uma tal aventura só foi possível pela abulia do Congresso que, uma a uma, se deixou despojar das suas prerrogativas, sem que nele se esboçasse um protesto sem o qual sucessivas legislaturas decorreram no conformismo resignado que teve expressão na moção sobre o incidente do Golfo de Tonquim. Graças a esta, o texano Johnson enviou para os pantanos do Vietname meio milhão dos seus compatriotas. Antes de Johnson, o democrático Kennedy dera a sua bênção à expedição da bala dos Porcos, para jugular a rebelião cubana e que à última hora ele próprio fez malograr não autorizando que a protegesse a aviação americana. Nenhuma voz se ergueu para denunciar os malefícios do gang comandado pelos «prussianos» 'que arquitectou, com escassos recursos de imaginação, o assalto à residência 'Watergate, casualmente descoberto por um vigilante anónimo, e revelado por dois jornalistas corajosos. Na representação do drama judiciário que se seguiu, e pôs à prova as instituições dos Estados Unidos e a sua sanidade, a Imprensa substituiu o Congresso, para dar ao poder judicial o instrumento probatório indispensável ao exercício da justiça. O veredicto popular teve agora oportunidade de se exercer fazendo regressar o Congresso, que se não mostrara à altura da sua missão. da verdadeira natureza desta, e preparando o regresso dos democráticos ao poder, dando-lhes a maioria de dois terços na Câmara dos Representantes, indispensável para anular o veto presidencial.

É legítimo perguntar como vai exer-

cer-se a acção dos-Estados Unidos no plano externo durante os próximos dois anos, após alguns outros de paralisante ineficácia, confinada nas manipulações do secretário de Estado agravadas pelas intromissões da CIA. Repartido o poder entre o presidente, aconselhado por Kissinger, e as comissões do Congresso, com uma política ditada pelo oportunismo 'estratégico, hesitante entre o desanuviamento e a confrontação com a União Soviética, é quase certo que a sua diplomacia se refugiará na floresta dos expedientes, alheios a qualquer grande desígnio. A sua irradiação está ameaçada e a sua influência declina por falta de uma política à altura do seu poderio a qual está ausente das preocupações dos dirigentes desde que, desaparecido Roosevelt, o seu sucessor extraviou a vitória nos meandros da guerra fria. A sua planificação diplomática e à sua diplomacia, servidas por vezes por executantes de primeira ordem, como Paul Nitze e George Kennan, falta há-trinta anos um pensamento construtivo e inspirado cujo sopro se extinguiu antes de, nas ruínas de Berlim, se representar o último acto -da guerra. A tentativa de ressurreição que aureolou a figura de John Kennedy foi uma falsa visão, desvanecida quando o seu herói caiu misteriosamente baleado em Dallas. O terramoto eleitoral que agora sacudia os Estados Unidos registou-se quando o secretário de Estado divagava na tarefa inglória de cerzir o tecido de expedientes que é a política externa americana. Enquanto o presidente arenga Va' em reuniões desprovidas de alcance, Kissinger calcorreava os caminhos novos de uma linha incoerente no fim da qual se encontra perante a ameaça de uma nova guerra no Médio Oriente. De decepção em decepção, prevê-se a sua substituição por qualquer burocrata americano da diplomacia, que dê o expediente o qual consistirá em adiar os problemas que aguardam solução desde que, com a frustração das guerras perdidas na Ásia, o povo americano perdeu a inspiração e a coragem cívica. Sem estas não há opções decisivas que se imponham e que têm sido adiadas com irreparável prejuízo para a paz e para a causa da construção de um mundo novo pela qual 'morreram milhares de americanos.

e

#### SEMANA A SEMANA

#### SECRETARIO DE ESTADO-ADJUNTO NOROCCIDENTAL-AMERICANO PARA ASSUNTOS AFRICANOS CONFIACIÓU GOVERNO DE TRANSIÇÃO

Esteve em Moçambique o Secretário F de Estado-adjunto norte-americano para

os Assuntos Africanos, Donald Easum, que contactou com o Primeiro-Ministro do Governo de Transição, Joaquim Chissano, com o Alto Comissário da República Portuguesa, almirante Vítor Crespo, bem como com outras individualidades ligadas à governação do País e de Lourenço Marques.

Em conferência de Imprensa, onde

foram abordados diversos e candentes assuntos relacionados não apenas com Moçambique mas, numa forma geral, com a situação em frica e muito particularmente na África Austral, tendo sublinhado a necessidade de mudanças pacíficas, Donald Easum considerou que o seu contacto com o Governo de Moçambique foi muito importante e interessante.

Donald Easum procedeu ainda a várias visitas para contactar «in loco» com a actual. situação; em- Lourenço Marques, tendo estado também na zona industrial da Matola, acompanhado pelo administrador daquele concelho, Rogério Daniel Njawana.

#### DECLARAÇÕES

#### DONALD EASUM

«A minha visita a Moçambique tem-se revelado uma invulgar e benéfica experiência, e espero relatar as minhas impressões ao Secretário de Estado Kissinger e outras entidades do meu governo, que têm seguido com tremendo interesse o desenrolar dos acontecimentos com vistas à independência.

«Nas minhas entrevistas com os líderes dos oito países ao Sul de África, todos se mostraram imensamente interessados no êxito de Moçambique Novo. A conversa que tive com o Presidente da Frelimo Samora Machel, em Dar-es-Salaam, deu-me uma ideia das enormes dificuldades enfrentadas pelo novo Governo.

«Todavia, eu não estava preparado. para enfrentar a grande dedicação e preocupação pelo bem-estar das pessoas, que encontrei ao falar com o Primeiro-Ministro do Governo de Transição, Joaquim Chissano e seu corpo ministerial, assim como com o Alto-Comissário, almirante Vítor Crespo.

«Durante a minha visita a Lourenço Marques, o Alto-Comissário teve a gentileza de me obsequiar com um jantar, o que me deu a oportunidade de me encontrar com o Primeiro-Ministro, outros ministros do Governo de Transição e outras entidades oficiais, num ambiente informal e deveras cordial. «Ontem, o Cônsul-Geral Walker e eu,

sentámo-nos à «mesa-redonda» com o Primeiro-Ministro e cinco outros ministros, numa troca de impressões cobrindo vários assuntos de interesse mútuo, particularmente no campo económico.

«Foi muito útil tomar conhecimento em primeira ,mão das necessidades e di\*ficuldades que o Governo enfrenta; assim terei as bases para o relatório que farei no princípio da próxima semana, quando do meu regresso a Washington.

«Esta manhã, o Presidente da Câmara, Massavanhane, teve a amabilidade de me guiar pessoalmente numa volta à cidade de Lourenço Marques, e agora sei a razão por que ele tem tanto orgulho nesta linda e activa cidade.

«Gostava de deixar expresso ao Alto-Comissário, almirante Vítor Crespo, ao Primeiro-Ministro Chissano, ao Presidente da Câmara Massavanhane, e a todos que tive o prazer de conhecer em Moçambique, o meu sincero apreço por terem tomado a minha visita tão agradável e informativa. Sei que me vou embora com uma visão muito mais real de Moçambique, as suas promessas e os seus problemas, ao caminhar para a tão ansiada independência nos próximos meses».

#### ARMANDO CUEBUZA NA MATOLA

É errado pensar que o nosso governo o substituir brancos por pretos O Ministro da Administração Interna, camarada Armando Guebuza, efectuou uma visita de trabalho à Administração do Concelho da Matola, tendo contactado com as populações locais, inteirando-se dos seus problemas e aspirações.

A dada altura, aquele membro do Governo- de Transição de Moçambique, em breve mas significativo improvisado, afirmou:



-Camaradas, uo vismos aqui para fa er dis u.,so& No viemos fazer disour'os porque para isso é necesádrio primeio conversar com o povo a fim de conhecer os seus problemps e necessidades. Orai governar uão é dar ordono, ma sim comgnicar com o Povo.

E progndo, afirmou o camarada Armando Glubuza: "

<cÉ neoea~ qIUe comrendamos que em Mocambiqaesae 4o0 6~a'u. ugr4d de raças. E é preciso que expliquemos isso àquelas pessoas que pensam que o inimigo do povo moçambicano é definido pela cor da sua pele. Devemos combater com todo o esforço aqueles que nos querem dividir. É preciso combater o tribalismo, o regionalismo e o r~ismo p~a que ndo volte a acontecer aquilo que sucedeu durante os distúrbios verificados nos meses passados. Sabemos também que muitos brancos saíram desta cidade e tudo isso aconteceu porque o povo ainda não estava organizado. Aconteceu isso porque havia alguns que pensavam que o nosso Governo é de substituição de brancos por pretos. Mas isso está errado».

#### VISITA

Depois do seu imprevisto, o Ministro Armando .u4h.,o -- ,nanhado da sua comitiva, iniciou uma visita às redondezas da Matola, parando aqui e além para conversar com elementos do povo «para conhecer os seus problemas e necessidades».

Acompanhavam o camarada Guebuza, o governador da Província de Lourenço Marques, Pedro Juma e alguns elementos do Exército Popular de Libertação de Moçambique.

O Ministro da Administração Interna era aguardado, ao chegar á Matola, pelo administrador do Concelho daquela cidade, Rogério Njawana, pelo presidente da Câmara, funcionários da Ad. ministração e da Câmara locais, autoridades tradicionais, chefes dos Postos de Boane e Machava e muito povo, que dispensou ao camarada Ministro entusiástica recepção.

#### ,ENCHIM[ENIO

#### DA ALBUFEIRA DE CABORA BASSA

#### DARA A MOÇAMBIQUE

#### UM DOS MAIORES LAGOS DO MUNDO

A partir de 1 de Dezembro Moçambique vai ter um dos maiores lagos do mundo. Trata-se do enchimento da albufeira de Cabora Bassa. As dimensões daquele lago serão: 2700 quilómetros quadrados de superfície, 250 quilómetros de comprimento, 38 de largura e 26 de profundidade.

Este novo e grande lago passará a constituir a fonte do maior aproveitamento hidroeléctrico de toda a África e um dos cinco maiores do Mundo.

#### POPULAÇÕES

#### ABANDONAM A AREA

Entretanto, para que aquela gigantesca e espectacular operação de enchimento da albufeira decorra sem quaisquer perigos para as populações da zona, elementos da Frelimo e funcionários do GPZ têm estado a desenvolver enorme actividade no sentido de as afastar, aconselhando-as e esclarecendo-as sobre o que se vai passar. Por outro lado, e para acorrer a qualquer imprevisto, está a ser formada em Chiccoa

uma Missão de Salvamento composta por elementos da Frelimo, funcionários do GPZ e outros.

A referida Missão poderá contar com diversas embarcações, nomeadamente um batelão motorizado, dois batelões com rebocadores, uma lancha e varias outras embarcações de borracha e de plástico.

Durante o período de enchimento a referida zona será sobrevoada por helicópteros e aviões de outro tipo.

#### SABRINA REALIZA EMPREENDIMENTO

No último número da nossa revista publicamos

uma reportagem, sobre as actividades da Fábrica de Camisaria Sabrina, Lda., de Lourenço Marques, cujo texto veio a lume com duas gralhas.

No titulo, onde se lê: «Sabrina realiza empreendimento na indústria de construção», deve -ler-se na parte final, «na indústria de confecção». Na segunda página da mesma reportagem, onde se fala de investimentos, em vez de 500 contos, queríamos dizer 5000 contos investidos em equipamento.

Aos nossos leitores e em especial à Sabrina, pedimos as nossas desculpas.

publicidade. os olhos e os ouvidos do consumidor

E nós somos t nleos de p~l~idade

Fom~ uma a~óscla de se~vo compleo.

Contacte-nos

Golo

agência de publicidade

CAFE DE ANG@LA

O3 QUE FAZ O CA DE ANGOLA

TAO FAMOO E OIFERENTE?

. ALIA QUAUIDADE

\*GRANDIE ECONOMA

USE CAFÉ DE ANGOLA NOS SEUS LOTES

INFORMAQÔES

C -DTTUTO DO (A DE ( ANOOLA DE.W C FO~ E PAM«~ DO

C PI 34 UJd AMCI CAFE We1 DO UJAMR Lê

«HAIR»

-no pouco cabelo!...

E tão caro!

No contêxto do «music-halb» internacional «Hair» tornou-se já numa espécie de lenda. Os moçambicanos ouviam falar dela, mas, diga-se francamente, nunca pensaram poder olhá-la cara a cara. Ou melhor e para ser-. mos mais justos: não os moçambicanos (pois para a maioria «Hair» continua a ser uma lenda...) mas apenas várias centenas de lourenço- marquinos com possibilidades de pagarem bilhetes a 200, 150, 100 e 80 escudos.

Ora a verdade é que, para tais preços, o «Hair» que agora vimos fica muito além da verdadeira peça, que envolve mais de cinquenta figuras, ao contrário da que esteve no «Dicca».... com 15 elementos apenas! Por esta ordem de ideias, se 15 pes-

soas em palco custam tão caro, quanto custariam as cinquenta e tal que não vimos nem veremos?!

Outro aspecto: alguns espectadores reclamaram contra a falta de «certos quadros». Que lhes terá acontecido? Se a censura foi extinta não "conseguimos atinar com os motivos de tais cortes (se os houve) e menos ainda com o destino dos cabelos cortados... numa peça que, falando de cabelos (entre outras coisas, aliás importantes e oportunas), primou sobretudo pela falta deles

Não queremos com isto dizer que o «Hair» exibido entre nós não tenha, interesse. Simplesmente, para além do número -restrito de personagens, várias outras coisas falharam para o transformar na peça de impacto- social e político - que originalmente possui e que os seus autores lhe conferiram.

São estes e outros aspectos que abordaremos na próxima revista.

PAGINA 10

VIMOS

OUVIMOS

E

LEMOS

A NOSSA MÚSICA ALEXANDRE MALFETE

Alexandre Djafete neste ano de 1974 deve ser um velhinho cheio de personalidade. Compositor e cantor desde as primeiras décadas do século, passou grande parte da sua vida na África do Sul como quase sempre aconteceu com os artistas de música popular que despertavam para a realidade política da terra.

As suas letras destacam-se pela seriedade dos temas abordados. É dominante a preocupação moralizadora, a sátira social e a crítica política. Uma das mais belas músicas de Alexandre Djafete é aquela em que apela

à unidade tribal e à unidade racial afirmando que os rongs, os changanas, os chopos e os bitongas «são iguais só diferem na maneira de falar»

e acrescenta que os pretos e os brancos também «são iguais só diferem na maneira de falar». Conta-se que esta composição foi feita para combater o tribalismo manifestado por um artista moçambicano radicado na África do Sul que rivalizando com Djafete e sentindo grande inveja pelo sucesso das suas composições recorria sempre ao tribalismo para depreciá-lo, servindo-se do facto de Djafete ser de origem vátua.

Entre as suas obras -de carácter político sobressai a canção «Afrika» na qual Alexandre Djafete enaltece o continente num verdadeiro pan - africanismo. Era frequente ouvir o disco tocado

pelas emissoras africanas durante os agitados tempos da descolonização inglesa, francesa e belga, principalmente na Rádio Brazzaville.

Outra característica verdadeiramente original da obra de Djafete é que este artista, contrariamente à maioria dos compositores de música popular, não se faz acompanhar apenas pela viola de caixa mas também por um bandolim (tem quatro cordas duplas e toca-se com uma palheta) ocupando este instrumento o lugar da viola-solo.

Foi um dos primeiros artistas populares a cantar em português. Outro artista que se serviu do português para as suas letras foi Feliciano, compositor de qqe já

falamos num dos números anteriores. É por isso que ignoramos de quem será a composição que transcrevemos abaixo, mas que de certeza se não é obra de Alexandre Djafete é obra de Feliciano. Pedimos a ajuda dos leitores que saibam a qual dos dois ela é devida. É uma música velha, dos anos quarenta, daí que toda a gente de quem tentámos saber o autor, ora diz que é de Djafete ora que é de Feliciano porque desapareceu da circulação e do mercado de discos.

É uma sátira ao alcoolismo. A letra é a seguinte, originalmente em português:  
Eu vou morrer na cantina/ /Com um copo de vinho na mão/O barril será meu caixão/E a cantina será meu cemitério.

O leitor sabe dizer - nos quem foi o autor desta música?

A. M.

AS MULHERES SÃO PARA AMAR de Eric Antley ..... COMO ROUBAR UM MILHÃO de William Wyler ENCRUZILHADA DE SENTIMENTOS de Pietro Germi O ASSASSINO DESCONHECIDO .....

O AGENTE POSITIVO de Zeca Valadão..... A GRANDE FARRA de Marco Ferreri.....

LADY CAROLINE de Robert Bolt .....

3 BONS INIMIGOS .. A MANSÃO DOS MORTOS VIVOS de Peter Sasdy .

HAIR ..

oo

>>

z < < X o-U

o. < 0 < '

oa

o~ z

o << A 00

- 1 -o

3 4 3" -

o -o o3--

3- - - 4

- 4 -- -- 3

4 3

-6 - - -:

4 -- 4 4 -- 4 4 - 5 4

2

3--2 - - - -

-5 4

. . - - 4

COTAÇÕES: &8- Obra-pr'ima; 7 - Excepcional; 6 - Não perca; 5 - Com muito interesse; 4- Com algum interesse; 3 - Passatempo; 2 - Sem interesse; 1 - Não vá; O - Um insulto à inteligência do espectador; R - Viu o filme mas recusa-se a classificá-lo por não se tratar da versão integral.

PÁGINA 1,1

PAGINA 12

A MULHER FALA DOS

Recolha de ALBINO MAGAIA Fotos de RICARDO RANGEL

«Aqui na nossa Organização não há quem sabe mais, não há quem está para ensinar, mas estamos todas para discutir» - Foi assim, com estas palavras, que abriu a reunião. A mulher moçambicana resolvida a não perder o passo ao lado do homem começou já a revolver o entulho de preconceitos que durante

DA MULHER NA REVOLUCÃO

(EXTRACTO DE UMA REUNIÃO NA SEDE DO PARTIDO)

séculos a colocaram é margem da sociedade de superioridade e com os complexos de inferioridade?»

Ao exemplo do que já acontece com as camaradas que vivem nas zonas libertadas durante a luta elas, as mulheres da cidade e dos arredores, reúnem-se aos domingos na sede do Partido para discutirem temas como «o que é que divide a mulher moçambicana? Como é que havemos de acabar com os complexos.

Deste modo, lenta e tentadamente,

\*a Organização da Mulher Moçambicana estende-se para cobrir todo o país.

Neste texto, enumerámos as intervenções pela ordem por que apareceram com a excepção de uma ou outra menos significativa.

" "O COMPLEXO DE SUPERIORIDADE

NA MULHER

APENAS

2 - Nós sabemos perfeitamente que ainda existem aqueles dois complexos que todos nós temos: o de superioridade e o de inferioridade. Como é que havemos

de acabar com estes complexos? Cada uma de nós

deve sentir-se capaz de contribuir para a libertação da mulher. Se não pode, então há-de aprender. Assim como eu não sei mas hei-de aprender a contribuir. Se nós continuarmos com complexos não podemos contribuir bem para a Organização da Mulher Moçambicana. Temos que criar um espírito de colectividade. Temos que nos organizar e para nos organizarmos é necessário começar pela nossa casa. Porque se não parte de casa não vale a pena organizarmo-nos enquanto na nossa casa as coisas não andam bem.

3 - A camarada disse

que para nos organizarmos é preciso combatermos dois complexos: o de superioridade e o de inferioridade.

Nós agora vamos discutir e pedimos que nas intervenções empreguem uma linguagem acessível que é para todas compreendermos. Falem em voz alta que é para podermos ouvir.

4 - Como é que vamos

combater os complexos de superioridade e de inferioridade? Na minha opinião devemos situar primeiro estes complexos. Onde é que eles se encontram? Porque normalmente há a tendência de dizermos que os homens é que têm complexos de superioridade e as mulheres têm complexos de inferioridade.

Se eu estiver enganada as

,camaradas dirão. Há um outro nível de complexos que nós devemos focar. Se tivermos um bocadinho de atenção à composição das pessoas que se encontram aqui a fazer parte desta reunião já podemos localizar muitos complexos que é preciso combater. Vou ser mais clara: fizemos a pri, mefra reunião em número muito restrito e pedimos a todas as camaradas que participaram nela que tivessem como tarefa trazer mais camaradas para a reunião seguinte. Agora veio um nu\_mero mais ou menos razoá-

## DEE O- COMPLEXO [Ex,0 E RO .....RIDADE RELACAII HOMEM, MULHER

À esquerda e à direita: a mulher deve combater o peso visível e invisível da opressão porque durante o colonialismo ela foi duplamente pisada: pelo sistema e pelo homem

vel mas mesmo assim ainda há muito pouca gente para. o que é a mulher em Lourenço Marques. Tivemos a tarefa de trazer mais camaradas: É verdade que apareceram novas caras. Mas se me permitem eu direi com toda a franqueza que nós ainda estamos a circular no mesmo nível. o complexo de superioridade e o complexo de inferioridade situar-se-iam na relação homem-mulher como fruto da sociedade colonial, tradicional, etc.

Isto é uma coisa patente e toda a gente sabe. Mas para além disso dentro da própria mulher há também camadas. E é só ver a com. posição das mulheres que participam nesta reunião para vermos que nós não somos representativas já não digo da mulher moçambicana no seu sentido mais vasto mas sim de Lourenço Marques. As ýmulheres que estão aqui não são representativas de todas as camadas da mulher lourençomarquina.

Aqui está um sinal de um complexo de que devemos estar desde já conscientes e devemos desde já combater.'

Vou ser mais clara: nós temos tido a preocupação de trazer camaradas ou porque nos conhecemos ou porque somos amigas ou por que somos colegas de trabalho ou por qualquer outra razão. Não seremos nós que estamos aqui representativas de uma determinada camada? Esta é a minha opinião.

Faço esta observação que é para localizarmos muito bem onde é que estão os complexos de superioridade. Do lado do homem há complexos por educação porque foi-lhe dito que ele é que era o homem e ele é que tinha o direito de pensar, de decidir., ele é que é homem especialmente... Enquanto que a mulher ten, do a sua posição marginal quando muito terá que obedecer e cumprir. Ela nunca fez parte de uma sociedade de que é uma das partes ao fim e ao cabo. Nunca participou nela.

Mas a própria mulher moçambicana, independentemente do homem, está estratificada. E nós estamos a combater o grave erro de começarmos o trabalho da organização da mulher por uma minoria. Isso significa portanto, que entre as mulheres há também complexos de superioridade e complexos de inferioridade ou por outro: nós não temos consciência ainda da nossa dimensão como um todo. Pomos umas de parte e começamos a realizar trabalho para outras.

5 - Acho que a melhor maneira de combater «esses complexos será a convivência mútua. Porque sem isso as pessoas que se sentem inferiores jamais se poderão

aproximar das outras o que quer dizer que é daquelas que se julgam superiores que deve partir a iniciativa.

6 - Também é importante localizarmos as causas da existência desses complexos para nós os combatermos. Não basta sabermos que existem complexos de superioridade e complexos de inferioridade. É preciso saber como é que eles se desenvolveram e como é que eles criaram raízes em nós. Porque assim vamos atacar o mal também pela

raiz. Se nós abordarmos o problema superficialmente corremos o grande risco de fazermos um bom palavreado e saímos daqui absolutamente na mesma. Temos que fazer um combate real. A camarada disse que a melhor maneira de combater os complexos seria a convivência mútua entre as duas camadas (a que se julga superior e a que se considera inferior). Eu pergunto: qual é a camada que se julga superior e qual é a camada que se julga inferior? E perguntou: o que é que causou este divisionismo entre nós?

7 - Eu estou a pensar na coisa que nos fez separar. Aquela coisa em que nós vivamos de haver «assimilados» e haver «indígenas» daí é que veio -isto tudo. Porque aquela que sente «eu sou indígena» a pensar nos «assimilados» julga que os «assimilados» são superiores e os «indígenas» inferiores.

De maneira que penso que até agora ainda não acabou essa coisa. Peço às camaradas que expliquem como é que podemos acabar esta coisa.

8 - Há um aspecto que gostaria de dizer. É que não é obrigatório falar em português. Todas nós compreendemos ronga ou changane aqui. Se uma pessoa expressa-se melhor em ronga ou em changane pois é evidente que vai fazer a sua contribuição em ronga, vai fazê-la em changane, vai fazê-la em chope, como melhor entender.

9 - Sabemos que a mulher foi sempre posta de lado. Uma das coisas que acontece é que ela não estudou. Não aprendeu a falar português. E um dos aspectos que faz com que a mulher continue a sentir-se inferior é ela não poder conviver com outras mulheres que falam português. Porque se há uma reunião, por exemplo, a mulher não vai porque diz que não ouve nada e se há o descuido de não se dizer que quem quiser pode falar na (língua que conhece, no dialecto que quiser, elas vão desaparecendo porque não percebem o que se passa. Uma das soluções, na minha opinião, seria ajudar essas mulheres a aprender a falar português. Quando vamos às suas casas devemos ensiná-las no dialecto que elas conhecem. Mesmo que aprendam uma palavra do português por dia, já será um grande contributo para a elevação dessas\* mulheres. E aí estaremos a contribuir, penso eu, para a diminuição desses complexos de inferioridade.

10 - Há uma tendência de se pensar que o facto de eu ter andado na escola, o facto de entre milhões de mulheres eu ter tido o privilégio de andar na escola e poder falar português sou superior.

Há também outra tendência a mencionar: porque uma pessoa entre milhões de mulheres moçambicanas teve oportunidade de arranjar emprego é superior. Porque teve oportunidade de andar na escola pode arranjar emprego (na situação colonial era assim apesar de o emprego ser um direito de toda a gente). E se essa mulher tiver um vencimento se calhar superior ao de

## E MAIS ALEIjABA MENTALMENTE A MULHER PEQUENO BURGUESA O QUE A MAMANA OUE VENDE NO BAZAR

Ao lado e em cima: participando em todas as actividades respeitantes à reconstrução nacional, a mulher moçambicana ganhará a sua almejada libertação. Libertar a mulher é também libertar o homem. Este deve acompanhar a evolução, daquela sob pena de se deixar ultrapassar e afundar-se num traumatismo inútil. Muitos homens então considera-se superior. Mas o «superior» e «inferior» entre mulheres é uma coisa falsa porque estamos a criar um problema que de facto não existe. É como eu saber falar maconde e outra saber falar ronga. O facto de eu falar maconde não quer dizer que sou superior àquela que fala ronga. Quer dizer o facto de se ter tido oportunidade de andar numa escola e ter-se aprendido a falar português isso não significa forçosamente que se é superior. A verdade é esta: entre nós mulheres moçambicanas não há «superior» não há «inferior». Estamos a criar um problema e isso só nos dificulta a nossa estratégia de luta para nos libertarmos.

Aquela que nunca teve oportunidade de entrar numa escola é mentalmente mais limpa do que aquela

que entrou numa escola porque em termos colóiais esta é mais aleijada uma vez que teve a sua migalha no bolo podre do colonialismo.

Nas zonas rurais, por exemplo, há-de se lutar contra a mentalidade tradicional mas os vícios do colonialismo são quase inexistentes porque a mulher ali não participou nem teve oportunidade de participar neles. Mas aquele que teve a sua migalha no bolo colonial terá que fazer um combate duplo: 1.º o complexo de superioridade em relação à sociedade tradicional; 2.º as mil e uma coisas que terá que superar da mentalidade colonial, fascista e tudo...

Portanto devemos reconhecer que não somos superiores só porque estudamos ou trabalhamos. Pelo contrário devemos reconhecer

que estamos numa posição muito mais difícil na luta pela nossa libertação.

Devemos fazer um combate muito mais profundo do que aquelas que consideramos inferiores porque elas são mais sãs do que nós. Não estou a condenar as pessoas que fizeram parte do sistema colonial porque elas não pediram para que as coisas fossem como foram. Mas é muito importante que sejamos conscientes da nossa posição. Há dificuldade de comunicação entre a mulher que trabalha, a mulher que estudou e a mulher que é analfabeta mas temos que arranjar uma plataforma comum para nos entendermos.

### NOTA FINAL

É assim que a mulher fala discutindo os seus problemas que são, afinal, os problemas de todos nós, homens e mulheres. Ela ainda está titubeante, não sente bem o terreno que pisa. As intervenções que foram reproduzidas tiradas de uma fita magnética. e debate não terminou onde terminamos. Continuou sempre vivo, mais «quente» com oradoras aplaudidas calorosamente. Não duvidamos de que com estes encontros da mulher lourençomarquina, a Organização da Mulher Moçambicana ficará mais enriquecida. O importante é que todas as mulheres procurem participar naquelas discussões que se realizam na sede do partido.



## PAISES ARICANOS (6)

Queda da esttua da Nkrumah em Acera

De superfície reduzida e população relativamente densa, o Gana desfruta de um elevado nível de vida, mas o seu crescimento económico é absorvido pelo populacional, que é de 2,7 por cento ao ano.

Um quinto da população vive, em cidades como Accra (550 000 habitantes), Kumasi (250 000) e Sekondi-Takoradi (mais de 100 000).

As suas exportações consistem principalmente em cacau (60 por cento), de que os pequenos agricultores recolhem de 300 000 a 400 000 toneladas anuais (contra meio milhão em 1964-1965).

É também o principal produtor de noz de cola, uma riqueza cuja receita é igualmente variável. Conhecido na história pelo nome de Costa do Oiro, o país produz ainda este metal precioso, cuja industrialização sistemática foi iniciada sob a forma de empresa do Estado pelo governo de Nkrumah, que abriu a barragem de Akosombo, com um potencial eléctrico de 580 000 kW, dos quais 210 000 kW são consumidos por uma sociedade americana, a VALCO (Volta Aluminium

Company)'. A exportação de alumínio iguala a de oiro.

Infelizmente, este empreendimento resultou num, pesado encargo em virtude de o governo haver decidido ordenar o vencimento de 965 milhões de «cedis», em vez de 684 milhões inicialmente previstos, e, se a balança de pagamentos se equilibrou, cerca de um quarto da mão-de-obra ficou inactiva.

O «osagyefo» Kwame Nkrumah foi deposto em 1966 por um grupo de militares chefiados pelo tenente-coronel Kokota, um católico da tribo Ewe, assassinado pouco depois. A Junta passou depois a ser presidida pelo tenente-general Joseph Ankrah, da tribo Akan, nascido em 1915, destituído em 1969 por peculato, e depois pelo brigadeiro-general Akwasi A. Ankwa Afrifa, da tribo ashanti, nascido em 1935 e diplomado pela Escola Militar de Sandhurst, Inglaterra, que serviu no Congo como capitão.

Em 31 de Agosto de 1970, Edward Akufu-Addo, de 64 anos de idade, e que a revolução havia colocado na Presidência ao Supremo Tribunal. de onde foi destituído em 1964, foi eleito Presidente.

O Presidente Banda durante a visita a Moçambique

## REPUBLICA DO MALÁVI

(5 de Julho de 1964)

Pequeno Estado situado sobre as margens do Lago Malávi ou Niassa, sem acesso ao mar. População densa, com uma metrópole de mais de 100000 habitantes em Blantyre-Limbe. No entanto, o Governo tem a sua sede na capital colonial de Zomba, enquanto aguarda a conclusão de Lilongwe, uma nova cidade cuja construção é financiada pela África do Sul,

A economia progride à taxa de 10 por cento ao ano, graças às plantações europeias de chá e de tabaco, cujo crescimento atinge 13 por cento, mas a maior parte da população vive do autoconsumo dos víveres que ela mesma produz: milho, amendoim, etc., ou da emigração temporária para as minas da África do Sul.

É de notar que desde 1968 se registaram rápidos progressos de várias fábricas: açúcar, têxteis, cerveja e, mais recentemente, calçado e fósforos. O principal jornal, «The African», publica-se há 22 anos todos os 15 dias, com duas páginas em Inglês e 8 páginas em Nyanja.

A Universidade tem 177 estudantes.

O «Ngwazi» Hastings Kamuzu Banda passou 43 anos fora do país. Aluno de missões protestantes, trabalhou na África Austral antes de seguir para os Estados Unidos, onde se formou em Medicina pela Universidade de Fisk, em 1926, e só regressou ao Malávi depois de haver exercido Medicina na Inglaterra, de 1926 a 1953, e no Gana, de 1953 a 1958.

Prêso na Rodésia em 1959, mas prontamente posto em liberdade, foi Ministro em 1961, Primeiro-Ministro em 1963 e Presidente em 1966.

e

## REINO DO MARROCOS

(2 de Março de 1956)

País vasto, montanhoso e populoso, onde a população cresce paralelamente ao PIB e mais depressa do que o emprego

Peregrinações célebres testemunham a influência dos marabús (chefes religiosos), persistindo ainda as pequenas comunidades «kharêdjites», da mesma forma que 50 000 judeus. Existem também franceses em grande número, como por toda a parte em África, ultrapassando as suas propriedades hoje 200 000 hectares de terras.

Urbanizado desde há muito tempo, o Marrocos possui, com Dar-e-Baida (Casablanca), a maior cidade do Maghreb

- 1,5 milhões de habitantes.- e as três antigas capitais, Fez, Marraquexe e Meknés, como a moderna Rabat, a capital dê hoje, têm uma população que ultrapassa os 200 000 habitantes.

A agricultura ocupa 70 por cento da população sem contribuir para o PIB com mais de 28 por cento.

Produtores de cevada e de trigo, os pequenos agricultores individualizam-se nos anos de más colheitas, sem poderem recuperar em anos melhores, por falta de aprovisionamento.

O rendimento das minas é baixo, excepção feita ao chumbo, mas os fosfatos oferecem uma ampla corvpensação, postos ao abrigo de «grandes companhias» pela criação de administração do Estado em 1920.

O Marrocos é o maior exportador do mundo e possui, em Safi, um complexo fosfateiro que não tem igual em parte alguma senão nos Estados Unidos.

O conjunto do sector mineral representa, conforme os anos, um pouco mais de um terço e um pouco menos da metade das exportações.

O governo real pratica uma política do tipo dito liberal que, com a sua associação à CEE- Comunidade Económica Europeia, atrai os capitais estrangeiros e os turistas,, mas uma forte pressão inflacionista exerce-se sobre o dinheiro, cuja circulação subiu de 3,6 bilhões- de «dirhams» em fins de 1964 para 5,4 bilhões em fins de-1969.

O ensino está em vias de arabisação, movimento já completado em três quartos no primeiro ciclo, e a mesquita-universidade Qarawine de Fez subsiste, com 4000 estudantes, ao lado da universidade mais moderna de Rabat, frequentada por 8000 estudantes.

Interesses franceses dominam ainda a Imprensa, com «Le Petit Marocain», no seu 56.º ano, e «La Vigie», já no seu 62.º ano. Dois diários marroquinos francófonos- «L'Opinion» e «La Dépêche»

- apareceram em 1964 e 1970, respectivamente, bem como em língua árabe, em 1970.

A monarquia é hereditária na família do Xerife Moulay Mohammed, que reinou no "Século XVII em Tafilalet e de que o Moulay Hassan II é o 20.º sucessor. Hassan II, nascido em 1927, estudou Direito em Bordéus e partilhou o exílio com seu pai Mohammed V na Córsega e em Madagáscar (1953-1955).

No seu regresso, foi Comandante-Chefe do Exército em 1956, Vice-Primeiro-Ministro em 1958, e Rei em 1961.

#### DOMÍNIO

#### DAS MAURÍCIAS

(12 de Março de 1968)

Pequena ilha sobrepopulada, com dependências de que Rodrigues, com 20 000 habitantes, é a mais importante.

A capital, Port Louis, tem 130 000 habitantes.

Toda a economia do país é dominada pelo açúcar, cultivado parcialmente sem consideração pelo custo crescente, de maneira a reduzir a falta de trabalho entre os descendentes dos indianos recrutados no século passado.

A preferência do «Commonwealth» permite exportar anualmente 600000 toneladas de açúcar, para o qual teria de se encontrar outra saída se o Reino Unido entrar para o Mercado Comum.

A cultura do chá oferece algumas perspectivas e uma companhia japonesa inaugurou já a pesca industrial.

O país não possui exército, mas um corpo policial bastante numeroso (1150 homens) reforçado por uma força especial de 150 homens e, 111 marinheiros. Em 1970, foi aberta uma universidade.

O posto de Governador-Geral é honorífico, sendo o poder exercido por «Sir» Seewoosagur Ramgoolam, Primeiro-Ministro, nascido em Bellerive em 1900, e formado em Medicina em Londres.

Conselheiro Municipal de Port-Louis e deputado a partir de 1940, foi Perfeito da capital em 1958, Ministro das Finanças em 1960 e Ministro-Chefe em 1965, título mudado para Primeiro-Ministro após a independência.

#### Festa na Suazilândia

#### REINO DE NGWANE

(SUAZILÂNDIA) (6 de Setembro de 1968)

Pequeno Estado, zulu de origem, sem outro acesso ao mar que um caminho de ferro para Lourenço Marques.

São consideráveis os proprietários europeus.

Tem duas pequenas cidades, Mbabane, a capital, com 11 600 habitantes, e Manzini, centro comercial, com 14 000 habitantes.

O açúcar é a sua principal fonte de receitas, mas em 1968 o Ngwane perdeu 1,2 milhões de rands devido à desvalorização em Inglaterra onde tinha vendido dois terços da sua produção de 150 000 toneladas.

O país conta cada vez mais com uma produção mineira que ultrapassa já o

#### REPUBLICA DO NIGER

(3 de Agosto de 1960)

Imenso, mas geralmente árido e mesmo desértico, o Niger foi criado segundo «negócios» diplomáticos, que inspiraram a Lorde Salisbury, a seguinte tirada: «Deixámos ao galo gaulês apenas areia para esgaravatar».

Contudo, o país não está desprovido de recursos, principalmente na região do Sudoeste, fragmento do antigo império Songhai onde ainda hoje se concentra o poder político instalado no posto colonial de Niamey (40 000 habitantes).

O islão malekita tem sido pregado desde o Século XI, provindo por sua vez de Songhai e de Bornou, mas o país é tão isolado que uma boa quarta parte da população não está ainda verdadeiramente convertida.

De momento, a sua economia está perigosamente dependente das Bolsas estrangeiras, e para 136 000 toneladas de amendoim não recebeu em 1969 mais do que 50 por cento a mais do que pelas 82 600 toneladas em 1963. .A criação de gado .passa por uma crise paralela, tendo o preço do carneiro (o Níger possui 7,5 milhões de ovinos e de caprinos e 3,6 milhões de zebus) milhão de toneladas de ferro e 40 000 toneladas de amianto.

Sendo a África do Sul quase o seu único fornecedor (80 por cento), o Ngwane, tal como o Lesotho e o Botswana, tem ditado a um:- percentagem dos direitos aduaneiros sul-africanos, que ascendeu em 1970 a 41,6 milhões de rands.

Não possui exército, mas apenas uma força policial de 600 homens.

Uma das duas únicas monarquias bantus hoje dotadas da personalidade do direito internacional, o Ngwane resulta de um reagrupamento efectuado paralelamente ao dos Zulus por Sobhuza I, morto em 1839.

Sobhuza II é o quinto Rei. Nascido cerca de 1898, reinou desde a infância até 1921 sob a regência de sua avó, Na Botsibeni.

baixado de 850:1500 francos CFM para 100-500 francos.

A esperança vem dos desertos de Air, onde o Centro Histórico de Agadés tem sentido um rejuvenescimento, em primeiro lugar, graças aos Tuaregues fugindo à disciplina dos Estados vizinhos e às caravanas atraídas pela independência da Líbia, e depois pelas actividades da SOMAIR- Societé de Mines de l'Air-, uma sociedade com o capital de 2,7 bilhões de francos CFA, constituída após a descoberta de jazigos de urânio.

Afectados também por uma demografia galopante, o PIB e os salários (mínimo de 27 francos CFA) continuam muito baixos, mas saliente-se que o Estado retira do orçamrnto uma parte mais reduzida do que qualquer outro governo francófono.

Hamani Diori, eleito Presidente do Níger desde a sua acessão à autonomia em 1958, nasceu no país de Djerma (Songhai) em 1916. Professor em Dacar, ensinou

no Níger e em Paris, na Escola Ultramarina. Deputado em Paris em 1946-1951 e 1956-1958, participou na criação do Partido RDA antes de, em 1951, ser eleito Secretário-Geral do Partido Progressista do Níger.

e

O Presidente Diori Hamani, da República do Níger

## REPÚBLICA FEDERAL DA NIGÉRIA

(1 de Outubro de 1960)

De longe, o mais populoso dos Estados Africanos, mas apenas o 12.º pela sua superfície, a Nigéria constituía um país vasto e ao mesmo tempo denso, excepcionalmente apto para a «descolagem», quando a guerra civil lhe fez perder o equilíbrio, precisamente no ano em que a produção petroléira havia ultrapassado os 30 milhões de toneladas.

O desenvolvimento de um tal país acentua inevitavelmente os contrastes entre as regiões que o compõem.

O terço meridional, tropical, húmido e florestal, foi valorizado no Oeste pelo cacau e a Leste pelo óleo de palma, enquanto por toda a parte se encontram grãos e produtos alimentícios em abundância (inhame, mandioca, noz de cola).

O terço setentrional é semi-árido, mas favorável à cultura do amendoim, algodão e à criação de gado (10 milhões de bovinos asseguram ao país uma alimentação equilibrada).

Resta a zona central, o «Middle Belt»: mal valorizado até ao presente, à parte os jazigos de estanho.

A guerra civil causou estragos mas favoreceu ao mesmo tempo as indústrias alimentares e têxteis, e a produção de tecidos de algodão quintuplicou em 5 anos. A barragem de Kainji, concluída apesar de todas as preocupações da guerra, garante um potencial eléctrico momentaneamente superior ao do Congo-Kinshasa, e a produção petroléira (75 milhões de toneladas) ultrapassa em 150 por cento a de antes do conflito.

A capital, Lagos, tem mais de 1,5 milhões de habitantes e constitui, com os subúrbios, um Estado próprio. Lagos é um grande centro fabril e o primeiro porto da África Ocidental, servido pelo caminho de ferro de Ibadan (mais de 1 milhão de habitantes) e Kano (mais de 300 000 habitantes).

A Imprensa, tanto na província, como na capital, conta com vários diários: «Daily Sketch», «Daily Times» (145 200 exemplares nos dias úteis e 245 900 nos domingos), «Iliani Yoruba», «West African Pilot», etc., e alguns periódicos, por vezes luxuosos, como «Spear», «Flamingo», «Modern Woman», etc.

Os efectivos escolares ultrapassam os 3 milhões e meio de estudantes. O país possui 5 universidades: Ibadan, fundada em 1948, que tem carácter nacional, com mais de 3000 estudantes; Lagos, Ifé, Zaria, de frequência mais localizada, com cerca de 1000 estudantes cada; Nsukka (dita «da Nigéria»), em vias de reorganização depois das destruições provocadas pela guerra civil.

Em 1914, Lord Lugard repartiu a Nigéria em 3 regiões, separadas por forma a garantir a preponderância dos senhores feudais do Norte.

O primeiro Chefe de Estado, Nhamdi Azikiwe, viu-se eclipsado pelo seu Primeiro-Ministro, «Sir» Abubakar Tafewa, muçulmano Peul assassinado em 1966.

O general Aguyi-Ironsi, um Ibo Sul, que havia sido Comandante-Chefe no Congo, chamou a si o poder, para vir a ser assassinado no ano seguinte. Do caos que se seguiu, emergiu o tenente-coronel Yakubu Gowon, nascido em 1934, filho de um catequista protestante Tiv, diplomado pela Escola Militar de Sandhurst, na Inglaterra, e promovido a oficial em 1954. Reconhecido como Chefe do Governo Militar em 1 de Agosto de 1966, teve de enfrentar em 30 de Maio seguinte a rebelião do tenente-coronel Chukwu-Emeka Odemegwu Ojukwu, nascido em 1925, no Norte, filho de ricos comerciantes ibos, e governador da Região do Leste, -que proclamou a Repú'blica do Biafra.

A guerra civil prolongou-se por 3 anos.

País muito vasto, mas desértico. Berço dos Almoravides no Século X, é um bastião do rito malekita que deu alguns famosos marabus (chefes religiosos).

Em 1960, três quartos dos habitantes eram nómadas.

Desde então, surgiram rapidamente grandes centros urbanos e mineiros, sendo Nouakchott a capital, que passou de 200 habitantes em 1955 para 22 000 em 1969, e Nouadhibou, porto mineraleiro que conta presentemente com mais de 6500 habitantes.

Apesar da existência de vastos bancos de peixes e da presença no país de 2 milhões de bovinos, 6 milhões de caprinos, meio milhão de camelos, e à parte alguns arranjos locais como os arrozais do Rio Senegal, a atenç está concentrada nos recursos minerais.

A «Miferma» (Société de Mines de Fer de Mauritanie), segunda sociedade da África Francófona pelo seu capital de 13,3 biliões de francos CFA, construiu um caminho de ferro de Nouadhibou a F'Derik e produziu em 1968 7,7 milhões de toneladas de ferro, pagando 1,5 biliões de renda anual à República.

Está em exploração em Akjoujt desde 1970 um jazigo de cobre. A Mauritânia destaca-se assim dos outros países francófonos pela produção interna, limitando o seu salário mínimo a 35,2W francos CFA.

O centro marabúptico de Boutilimit foi reorganizado em 1961, com 200 alunos, e outros tantos estudantes enviados para o estrangeiro.

Moktar Ould-Daddah, nascido em 1924 no oásis de Boutilimit, seguiu o curso dos filhos de chefes em Saint-Louis, Senegal, e o da Faculdade de Direito em Paris.

Exerceu a advocacia em Dacar, tendo sido eleito Vice-Presidente da Mauritânia em 1957. Fundou em 1958 o «Regroupement Mauritanien», que detém a totalidade de assentos no Parlamento.

Foi eleito Presidente da República em 20 de Agosto de 1960.

e

Hd doe~fs o doenças. Muitos serviços de coi aultas estão superlotados de gente Embora acr.

ditando na falta de clínicos e de uma boa esturaração de serviços, acontece que muitos d, doentes ou doenças que ora buscam clínicos pod, rimser perfeitamente atendidos por pesso

paramédico

POR DIE.

O PESSOAL

Os Serviços de Saúde estão a ser reorganizados. Esta tarefa, que é demorada e cujos resultados práticos só serão visíveis em toda a sua profundidade de longo prazo, vem ao encontro de uma nova política de Saúde que Moçambique necessita.

Toda uma Organização médica e paramédica a funcionar em moldes estafados e anacrónicos começa a ser

NEO:

Segundo informações do presidente da Comissão de reestruturação e reorganização dos Serviços de Saúde, camarada Hélder Martins, Moçambique precisa de mais e melhor equipamento

ES APAIIC-E

IEDIICO- E PAIR

desmantelada. Mas, acima das leis promulgadas, acima da liquidação das estruturas sanitárias coloniais-fascistas, está a educação política dos médicos e enfermeiros, de todos os funcionários dos serviços de saúde, dos próprios mestres das escolas e Faculdades.

Se queremos mais médicos, mais enfermeiros e mais agentes sanitários

Do 'MATO

A-MÉ.DICO '

Fotos: RICARDO RANGEI -Texto: CALANE DA SILVA

no campo, ao serviço do povo, temos de começar a educar politicamente o homem.

Este parece-nos o problema fundamental. Porém, enquanto se planta a árvore sanitária em Moçambique, a pergunta, por actual que é, continua:

-Por que desaparece o pessoal médico e paramédico do campo?

PÁGINA 25

REORGANIZAÇÃO E INVESTIMENTOS;

COHECAM NA EDUCAÇÃO POLITICA DO Povo

Ao lado, à esquerda: Banco de Socorros: numa cidade como Lourenço Marques não se justifica haver um único banco de socorros localizado precisamente longe das grandes massas populares. Na reorganização em curso há que atender à descentralização dos serviços hospitalares

Conhecemos Moçambique de Norte a Sul. Conhecemos a sua estrutura sanitária, melhor, as consequências de uma estrutura sanitária colonial.

Tivemos contactos com muitos enfermeiros e também alguns médicos espalhados por Moçambique. Em conversa com estes funcionários dos Serviços de Saúde ficámos então alertados para um paralelismo de situações, de problemas mais diversos. Tanto nuns como noutros eram evidentes as angústias do isolamento, a acomodação da situação, o inconformismo, a vontade e também o medo do

regresso à cidade, a despolitização completa, mas também em alguns bons casos a consciência exacta da situação política.

Depois há os sacrificados e os que não se querem sacrificar: A luta para ficar na cidade, a luta para sair do mato.

Mas o problema está a ser estudado. O Ministério da Saúde agora a trabalhar a um ritmo mais acelerado e diferente e com finalidades totalmente opostas às do antigo regime, está a lavrar o terreno para plantar a nova árvore sanitária em

Moçambique, e esta só crescerá e dará flor e fruto se for bem regada e adubada, e periodicamente podada. O adubo e a água represen-

tem, neste caso, a educação política necessária ao avanço da revolução nos Serviços de Saúde de Moçambique, na formação dos seus quadros.

Por. isso o problema sanitário no nosso país não podenlí ser resolvido a curto prazo.

#### ÔUVINDO MÉDICOS E ENFERMEIROS DO MATO

Contactámos com vários médicos e enfermeiros que já estiveram longos anos no campo. Os primeiros solicitaram-nos reserva na identificação, mas falaram. Os segundos não hesitaram nas duas questões. Como vive o médico no campo?

Como foi para lá? Por que quer vir para a cidade e às vezes não quer? Vejamos.

Quase todos os médicos em serviço no interior, com excepção dos directamente contratados pelas grandes empresas latifundiárias e outras, pertencem aos quadros dos Serviços de Saúde de Moçambique.

Os quadros destes serviços no interior nunca estiveram completamente preenchidos. Porém quando surgiu a Universidade e a respectiva Faculdade de Medicina julgava-se que o problema seria resolvido a médio prazo. No entanto, não foi isso que aconteceu.

A Universidade de Lourenço Marques, directamente dependente do Ministério da Educação de Lisboa, favoreceu a absorção dos médicos, formados na U.L.M. pela própria Universidade, verificando-se que, de quase uma centena de médicos formados, apenas três ingressa, raro nos Serviços de Saúde, Para além desta absorção resultante da própria situação estrutural da Universidade há que considerar o facto dos médicos recém-,

-formados não se quererem «mumificar» no mato,' sem possibilidades de contactos técnicos que os ponham constantemente a par do avanço da medicina em todos os campos. Mas não só.

Um dos médicos que esteve anos a fio no mato acrescentou:

- Os Serviços de Saúde colocavam-nos em qualquer ponto de Moçambique, mas nunca nos diziam quando havíamos de ser substituídos. Não havia comiss\*es de serviço. Se às vezes havia transferências, era simplesmente para mudar o médico de um determinado lugar do interior para outro ainda mais escondido. O que é que isto provocava? Alguns colegas meus ou se recusavam a mudar do lugar onde se encontravam, pois jd se tinham acomodado, ou faziaM

tudo para serem transferidos para a cidade. As tão conbecidas e utilizadas «cunhas» eram esgrimidas para este fim.

Insistindo neste assunto, .continuou:

- Para além de todo o idealismo que de facto existe em muitos médicos, surge o drama do afastamento que impede o aperfeiçoamento profissional dos médicos



esquecidos no campo. Não há comissões de serviço, não há possibilidades de reciclagem. Por outro lado há que pensar no próprio apoio técnico do médico do mato. Em muitos locais o médico não faz e não pode fazer mais do que o próprio enfermeiro podia efectuar. Aparecem inúmeros doentes dos quais precisamos de análises urgentes, e que nos acabam por morrer nos braços por falta de todo o apoio laboratorial e técnico, que existe nas cidades. A nossa presença em certos locais torna-se angustiante, por completamente inútil.

4 concluir, disse:

-Para além disto tudo poderei acrescentar o problema familiar. Os médicos têm geralmente filhos em idade escolar. Enquanto estão na escola primária a coisa vai-se arranjando. Mas quando têm de ingressar no ensino secundário tudo se complica, pois na região onde nos encontramos nem

. PARA -CRIAR UM NOVO ENFERMEIRO E NOVO MÉDICO NA QUE ORGANIZAR UMA NOVA ESCOLA E UMA NO

sempre, ou quase nunca, há escolas secundárias. O internamento dos filhos em colégios nas cidades é a oportunidade que nos resta, apesar das despesas enormes que o facto acarreta».

. claro que alguns médicos do mato beneficiam de avanços, pagamentos extraordinários, resultantes do trabalho para algumas empresas da região onde se encontram.

Acontece simplesmente

que todo este mecanismo vai absorvendo o próprio médico, que, ou se acomoda à situação, ou revolta-se contra ela.

No meio de todas estas questões sobressaem frequentemente os atritos entre os Administradores e os clínicos, a maior parte das vezes por questões puramente elitistas.

COMO COLOCAR A SAÚDE AO SERVIÇO DO POVO?

Antes de nos debruçarmos sobre o problema dos enfermeiros vamos perspectivar ao nível de informações governamentais o que irá ser feito relativamente aos Serviços de Saúde de Moçambique. Por outras palavras: como colocar a saúde ao

Ao lado: camarada Hélio Hól. de Martins, presidente da Comissão de Reestruturação e Reorganização dos Serviços de Saúde: «Pôr a saúde ao serviço do Povo»

ra combatente na Frente de Libertação de Moçambique. Já dentro do espírito desta reorganização dos serviços foram criadas, há duas semanas, quatro direcções gerais que ficam na dependência do Ministério da Saúde e Assuntos Sociais. Estas quatro direcções Gerais dizem respeito respectivamente a «Assistência Médica e Hospital», «Saúde Pública», «Assuntos Sociais e de Administração» e «Formação de Pessoal de Saúde». A responsabilidade do funcionamento de cada uma destas direcções gerais competirá a um director-geral, que terá a colaboração de um adjunto sempre que tal se mostre necessário. Como o próprio presidente da

comissão frizou, esta reorganização e reestruturação dos serviços levará ainda bastante tempo, tendo sobre esta questão afirmado: , . A estrutura sanitária que existia até hoje era de carácter colonial-fascista, que correspondia à estrutura do conjunto da sociedade, e a que agora se pretende é umãa que sirva os interesses da grande massa da população moçambicana. Isto, . contudo, é uma tarefa grandiosa e não se pode exigir que de repente tudo apareça feito. Um dos pontos focados na portaria que deu origem à . formação desta comissão é assegurar que a política sa-

nitária da Frelimo seja equitativa».

«Isto significa que nós devemos colocar a saúde ao serviço do povo. Alids, fazendo isto, nós não fazemos mais do que seguir os ensinamentos do camarada Presidente Samora Machel, que jd ça Novembro de 1971 ti-n lá afirmado que o Hospiyá da Frelimo é o centro onde se concretiza a nossa linha política de servir as massas, é o centro onde se materializa o nosso princípio de que a revolução liberta o povo. O nosso Hospital destina-se a libertar o povo da doença, a dar boas condições físicas aos combatentes, militantes e trabalhadores, para que estes cumpram as tarefas revolucionoórias em que estão empenhados por amor do povo. Esta citação resume bem o espírito com que a comissão está a trabalhar.

DO PROGRAMA

DE ACÇÃO

AO ALUNO MILITANTE

Relativamente ao programa de acção da comissão e da remodelação profunda das estruturas do serviço da saúde em Moçambique, Hélder Martins afirmou recentemente, a um jornal moçambicano o seguinte:

«Não posso dizer em detalhe todo o programa de acção da Comissão, até porque ela ainda hd muito pouco tempo iniciou os seus trabalhos, Por outro lado, fo-

COMISSÃO oDVERNAM-ENTAL E STUDA PROFUNDAMENTE ACTUAL  
POLITICA DE SAÚDE

ram nomeadas sub - comissões especializadas que são muito importantes para a concretização do trabalho da comissão. Mas posso desde á dizer de opções e critérios fundamentais: a nossa primeira é propor medidas que permitam o funcionamento dos'serviços actualmente existentes e mesmo a sua melhoria imediata. Dentro deste espírito há necessidade de recrutar pessoal qualificado e de tomar medidas reorganizativas imediatas para que os serviços funcionem m e lh o r, inculindo confiança, sobretudo ao pessoal de que presentemente dispomos e melhorar as instalações e equipamento existentes.

A concluir este pensamento, este ponto de vista, o camarada Hélder Martins afirmou:

«Consideramos tarefa prioritária a reorganização de todos os programas de formação de quadros e, a esse respeito, uma sub-comissão realizou lá alguns trabalhos. Pensaminos que a este respeito há ideias verdadeiramente novas e revolucionárias. Em suma posso dizer ý-sem entrar em detalhes técnicos - que se pretende preparar individuos que tenham uma formação adaptada às tarefas que Moçambique necessita. E pretende-se dar a todos os elementos que

nós formarmos a possibilidade de mais tarde, depois de darem o seu contributo ao povo, poderem re-eleger-se a frequentando cursos de promoção, ficando assim preparados para darem o seu contributo a uma mais útil e produtivo -ao povo de que são filhos».

Referindo-se depois à Universidade e ao seu futuro dentro dos Serviços de Saúde de Moçambique, para onde, como frisámos apenas entraram três médicos formados na nossa Faculdade de Medicina, disse Hélder Martins:

«As causas são simples: existia aqui uma situação anacrónica que resultava de que o Hospital de Universidade de Lourenço Marques dependia directamente do Ministério de Educação Nacional de Lisboa. «O processo em que estamos engajados para terminar o colonialismo português, criou uma dinâmica que veio solucionar este problema, e, para isso, o Conselho de Ministros já nomeou uma outra comissão encarregada da unificação dos hospitais de Lourenço Marques: o da Universidade e o Hospital Miguel Bombarda. Nestas circunstâncias esses médicos vão ser integrados dentro das estruturas dos Serviços de Saúde. «Sei que há certas preocupações de alguns desses médicos em relação às suas carreiras. Penso que não há nenhuma preocupação, pois que é evidente que serão estruturadas carreiras médicas dentro de princípios de justiça e inspiradas no princípio essencial de que os médicos, como todos os outros elementos dos serviços de Saúde, terão direito à reciclagem, mas igualmente temos um princípio essencial em vista: os médicos, como os outros técnicos formados pelos serviços de Saúde, devem, uma vez formados, servir o seu povo, e os médicos formados pela universidade de Lourenço Marques têm que se integrar nesse espírito».

A este respeito Hélder Martins citou mais uma vez Samora Machel, finalizando: «O aluno militante, ao estudar, cumpre uma tarefa que lhe foi confiada pelas massas para as servir e nele não deve existir a opressão mitológica do diploma, a esperança de altos salários e privilégios, a noção -de que faz parte da elite dos futuros governantes. Aquele que estuda encarna a vontade do progresso de todo o povo e consegue estudar devido aos sacrifícios inumeráveis consentidos pelas largas massas. O aluno militante tem presente que o estudo se destina a habituá-lo a melhor servir as massas e nunca para como o colonialista, instalar-se como parasita no dorso do povo».

São estes os princípios que orientarão a estruturação das futuras carreiras médicas.

PÁGINA 30

OS ENFERMEIROS CONHECEM  
OS PROBLEMAS E QUEREM  
RESOLVI-LOS

Embora as respostas para as actuais dificuldades dos enfermeiros, nomeadamente os do mato, estejam contidas nas afirmações anteriores do camarada médico Hélder Martins, é facto que a maior parte dos enfermeiros actualmente em serviço não estão ainda preparados politicamente para servir desta maneira o povo Moçambicano.

Tendo, exactamente como os médicos, os mesmos problemas referentes a transferências e permanência no mato, tal como as questões familiares no que

respeita à educação dos filhos, os enfermeiros ainda sofrem de problemas intestinos, no que diz respeito ao espírito de equipa, de camaradagem e sacrifício, primeira mente quando se trata de os pôr ao serviço do povo no campo. Pelos mesmos motivos que os médicos, eles preferem ficar na cidade, e os do campo ou têm «valentes cunhas» para serem transferidos ou ficam quase esquecidos no mato, sendo na melhor das hipóteses transferidos para localidade também no interior do país.

Há os que se acomodam à situação que conseguem ganhar mais dinheiro com alguns -serviços extras, há outros que se transformam em agricultores, comerciantes, caçadores e criadores de gado. Tudo isto resultante da própria situação estrutural do pessoal para-médico nos Serviços de Saúde.

A reciclagem também é um problema para os enfermeiros interessados na valorização profissional. Todos nós sabemos que beneficiando do companheirismo do médico do mato e à própria vontade de se melhorar, quantos enfermeiros não existem que se transformam em autênticos médicos chegando mesmo a fazer operações cirúrgicas salvando assim muitas vidas. No entanto, até agora o sistema e a estrutura não lhes permitem uma reciclagem, uma matrícula numa Universidade de modo a transformá-lo, num elemento ainda mais útil ao povo a que pertence. Em contacto com um enfermeiro que já esteve bastante tempo no mato e que, actualmente superintendente no Hospital Miguel Bombarda viemos a verificar a realidade dos problemas atrás citados, tendo a certa altura frisado que esses problemas começam ao nível do próprio hospital, logo após a formação escolar dos novos quadros.

A este respeito, disse-nos Valeriano de Brito:

--o problema da colocação dos enfermeiros começa logo após a conclusão do curso. A maior parte dos enfermeiros formados não quer ir para o mato pelas razões já conhecidas, pois como se sabe o enfermeiro não tem comissões de serviço, quando vai para o mato pode lá ficar 5, 10 ou mesmo 14 anos, como aconteceu a um amigo meu num lugar remoto de Cabo Delgado. Mas, para se verificar por outro lado o comodismo de alguns enfermeiros, posso afirmar que mesmo dentro do hospital há recusas sistemáticas para se arranjam enfermeiros para determinadas enfermarias.

Continuou dizendo:

-Não queira saber como é que é difícil arranjar pessoal para-médico para uma enfermaria de doenças infecto-contagiosas! Mas este problema estende-se também ao próprio pessoal serventário. Quem por exemplo quer ir trabalhar para a morgue? No entanto a morgue é um serviço que não pode deixar de funcionar.

- Existem também os que se sacrificam pelos outros e que graças a Deus não são poucos. Porém há muitos outros enfermeiros ou enfermeiras que metem atestados médicos dizendo-se doentes quando de facto não estão, e isto tudo vem complicar mais o funcionamento perfeito dos serviços. Se todos esses pensassem que em vez de um determinado doente fosse o seu próprio filho ou mãe que estivessem necessitando de cuidados frequentes, aliás como já sucedeu em relação a muitos funcionários do hospital, eles nunca teriam coragem de faltar nas referidas circunstâncias.

As -palavras de Valeriano de Brito vêm reforçar a nossa ideia inicial e que é semelhante ao do próprio Presidente da Comissão de Reestuturação e Reorganização dos Serviços de Saúde: temos de educar politicamente o homem, o cidadão, para que em qualquer lugar que esteja, ou para qualquer lugar que seja chamado, possa desempenhar a sua tarefa na plenitude.

Por ora limitamoinos a esta achega. D a q U i a uns tempos, e logo que a reorganização estiver em marcha m a i s profunda voltaremos ao assunto. o

juros mais átos para o seu dinheiro

O Governo de Moçambique eleva, por diploma legal, os limites das taxas a abonar pelos depósitos nas Instituições de Crédito, incentivando a poupança e o investimento produtivo - prática seguida em todos os países do mundo.

A Caixa Económica do Montèpio abona a partir de 1 de Dezembro aos seus clientes as taxas máximas agora autorizadas nos depósitos:

Superior a dois anos 9% de 1 ano a 2 anos 8% de 180 dias a 1 ano 7% de 90 a 180 dias 5,5% de 30 a 90 dias 4,5% de 15 a 30 dias 3% menos de 15 dias 2,5% à ordem 2%

Os depósitos inferiores a 30 contos e por qualquer prazo superior a 90 dias terão ainda um acréscimo de 0,5% sobre aquelas taxas.

Os juros abonados pela Caixa Económca do Montepio estão isentos de impostos.

Texto de ALBINO MAGAIA Fotos de RICARDO RANGEL

VO USA NOMÉ DE MULHER

[ÀA.LTA DE- M OSCULOS SALIENTES NAU' SIGNIFIICA FRAQUEDZA

Em todo o mundo ocidental fazem-se oncrsos de beleza para mulhere os quais, para além das intrigas

de bastidores de que são ricos, ndo passam de acontecimentos mUndanos e burgueses onde até nem falta

a influência política na escolha da «rainha». Faz-se muito dinheiro com estes concursos

Não é só a enxada que deve ser agarrada pelos homens e pelas mulheres. t preciso que. os tractores ginguem por cima da lama conduzidos por mulheres sem complexos. É preciso que os camiões com atrelado pisem a estrada conluzidos por mulheres de mãos firmes. É urgente que a electricidade e a mecânka deixem de ser segredo dos homens. E preciso e urgente ver as mulheres ,a merecerem os homens e os homens a merecerem as mulheres. Liberdade é uma palavra feminina. Revolução também. Idem para unidade., O que Interessa é saltar da gramática para a vida quotidiana e liberdade, revolução, unidade, serem palavras que dizem tudo % mulher como devem dizer ao homem.

As armas automáticas não deixaram de disparar

durante a luta quando estavam nas mãos de uma guerrilhira bela e elástica. Se as armas sentissem poesia disprariam melhor nestas condições. Não é verdade que o lugar di mulher é no lar. O mato também é lugar dela na luta. Mão é verdade que a mulher só fica bem a cozinhar. Também fica bem de camuflado a espreitar o inimigo.

Nada daquilo que muitos homens pensam das mulheres é verdadeiro e nada daquilo que muitas mulheres pensam de si mesmas é verdadeiro. A verdade é só uma: o homem não é superior. Só tem mais músculos que a mulher. E mesmo assim há mulheres que sem músculos salientes têm mais força que muitos homens crescidos em estufas.

ENQUANTO

FALAR, 1 POROUIE FAZER TRA

Dizia uma mulher militante ao Rádio Clube logo após o dia 25 de Abril:

- Ele tem boa vontade mas custa-lhe a aceitar que eu volte alta noite a casa, por vezes acompanhada por um camarada que me oferece transporte.

«ELE» é, evidentemente, o marido. Não foi exactamente isto o que disse aquela militante, mas não nos desviamos do significado das suas palavras. Foi numa entrevista em que o R.C.M. queria saber da participação da mulher na luta pela independência.

E é curioso notar como mulheres que poderiam ser socialmente úteis acabam por enferrujar não só a tratar dos filhos, que isso ainda se admite, mas a aplacar os ciúmes incontroláveis de um marido que rouba à sociedade um elemento válido e actuante.

ESCRAVIZAR A MULHER EM NOME DE UMA FALSA LIBERDADE

As sociedades capitalistas exploram a mulher em nome de uma falsa liberdade, intoxicando a mentalidade de to-

PAGINA 35

O HOMEM NAU SE ATREVER A LAVAR PRATOS

IER A CASA SEgA ESCUSADO

E LIBERTACAÃO IA MULHER

ILGA -SE OUE E FALTA DE VIRILIDADE

LuS DOMESTICOS.

Da esquerda para a direita: uma mini-saa, um corpo atraente e um nome de pneus na blusa. O capitalismo serve-se da mulher como um instrumento de propaganda comercial. Ao lado: na sede do Partido, em Lourenço Marques, a mulher já começou a discutir problemas que lhe dizem respeito

da a gente que, desse modo, mulher funciona como chanão repara na desumanidade mariz e a sua presença na de certas práticas. imagem é tão importante coÉ frequente ver publici- mo as frases que lá aparedade de automóveis que são cem ou como a cor, se for divulgados juntamente com a um anúncio colorido. Quer imagem de uma moça bem dizer: é importante pôr lá

feita, com meio corpo à mos- uma fêmea. tra. E a gente fica a pensar Ainda nas sociedades capio que é que um automóvel talistas há empregos muito tem a ver com uma mulher curiosos em que não e a inque, ainda por cima, nem foi teligência da mulher que fotografada a conduzi - lo. conta, nem a sua capacidade Claro que a conclusão só pode profissional, mas o facto de ser uma. Na publicidade, a ter ou não nascido com um

corpo bonito e um rosto que não causa repulsa a um burguês requintado. Nas sociedades capitalistas as mulheres são, frequentemente, simples coisas decorativas, recreativas, fonte de prazeres. Não admira, pois, que afogadas pelo homem, entendam por libertação imitar o homem em tudo o que este faz de errado. E, parecendo que vivem unidos, há um mundo para os homens e um mundo para as mulheres dentro de uma mesma sociedade. Esmagada pelo simples facto de ter um sexo diferente do homem, a mulher das sociedades capitalistas procura a sua libertação pela liberalização sexual. Ora parece-nos que há uma grande diferença entre liberdade sexual e promiscuidade sexual.

#### A MULHER EM NOME DE UMA TRADIÇÃO CRUEL

Nas sociedades tradicionalistas, como ainda o é em grande medida a sociedade moçambicana, escraviza-se a mulher em nome de uma moral ultrapassada, em nome de um puritanismo absurdo, em nome de valores caducos. Na base de tudo, está a dependência económica da mulher em relação ao homem.

Aqui, a mulher tem um campo de actuação limitadíssimo. Quase que só se circunscreve ao lar. Enquanto que a mulher burguesa goza de uma falsa libertação que a transforma numa «coisa», a mulher africana enquadrada na sociedade tradicional vive numa prisão real. Desde os casamentos prematuros às leis domésticas, ela cristaliza logo que se liga a um homem. O seu papel é o de servidora subserviente, quase canina, de seu marido.

De tudo isto concluímos que nem a sociedade capitalista nem a sociedade tradicionalista africana servem os interesses da mulher. Num caso e no outro ela vive alienada. Presa. Objecto de uso e consumo caseiro ou público.

#### O VERDADEIRO PAPEL DA MULHER NUMA SOCIEDADE REVOLUCIONARIA

Vamos ouvir o que dizem mulheres moçambicanas engajadas na luta pela libertação da mulher no nosso país. São elas, Graça Simbine (Secretária da Educação) e Iolanda Azambuja (estudante). As suas afirmações foram proferidas numa mesa-redonda sobre educação organizada pela Rádio Uitiversidade:

Graça Simbine: A situação da mulher neste momento é de total desigualdade em relação ao homem, em relação à sua participação neste processo revolucionário. Mas seria importante analisarmos concretamente neste momento quais devem ser as tarefas da mulher para ela se libertar deste sistema de exploração. Veremos as tarefas que lhe são incumbidas neste plano de reconstrução nacional.

Iolanda Azambuja: Acho que é muito importante que ela participe activamente na tarefa da reconstrução nacional. Lãlo a lado com os seus companheiros, portanto, com os homens, ela deve participar neste processo. Isto não se refere só ao local onde ela trabalha, onde certamente surgirão tantos problemas para serem discutidos em conjunto e serem resolvidos em conjunto- problemas relacionados com o funcionamento, problemas relacionados com a produtivi-

1PÁGINA 37

Nim- r ctura qcr s fala de libertação da mulher ela contém a a exibir-se nua e semi-nua para o regalo do" clientes dos cabarés

**LIBERTAR A MULHER : TAMBEM LIBERTAR, O HOMEM PORQUE A DEPENDENCIA DA MULHER E RESULTADO DE PRECONCEITOS ACUMULADOS PELO HOMEM AO LONGO DOS SECULOS Em TODAS AS LATITUDES**

dade-eu sei lá... Mas Também no próprio bairro onde surgirão. problemas de creches para as crianças, problemas relacionados com a organização do bairro. E até na própria casa a mulher tem um papel muito importante a desempenhar junto do marido, para o qual deverá ser, acima de tudo, uma companheira na luta. E junto dos filhos. O papel da mulher junto das crianças é fundamental. As crianças de hoje, são os homens de amanhã. Elas serão os continuadores do processo que nós agora temos que levar para a frente da Revolução em Moçambique. Portanto, é necessário que estas crianças desde o princípio estejam preparadas para levar o processo para a frente e para triunfar. É importante que desde o princípio recebam uma educação, uma formação e um espírito revolucionário. E à mãe cabe 'incutir esse espírito aos filhos.

G. S.: Há sempre tendência de colocar a tónica na mulher no processo de libertação. Estamos numa altura em que se as mulheres têm complexos de inferioridade e os homens têm complexos de superioridade. Tudo isso significa que presentemente homens e mulheres- pelo menos a maioria na sociedade moçambicana- estão alienados mentalmente. E, portanto, a nossa preocupação, sim, deverá ser orientada para a mulher, porque ela está numa situação, digamos, inferior em termos de oportunidade, mas de qualquer maneira interessa revermos o processo mental do próprio homem também.

Há uma tendência de parte dos homens que os leva a pensar que devem ajudar a mulher a libertar-se. Como já dizendo, a libertação da mulher está integrada na estratégia geral da libertação

do homem, da pessoa humana, e não' devemos encarar o problema da mulher como uma fraqueza social apenas. Assim como nós combatemos todos juntos contra a fome, combatemos todos juntos contra a sede e nessa altura não estamos a fazer um favor a ninguém, estamos a lutar por causa de um mal que é geral, que nos atinge a todos nós. A eliminação, -portanto, desta posição marginal, secundária da mulher, é um plano que atinge a todos nós como um mal social, uma fraqueza social que devemos eliminar. Nessa ordem de ideias o homem não faz um favor, não ajuda a mulher. Ele liberta-se a si próprio quando, participa no trabalho da libertação, da emancipação da mulher.

e

**ALGUNS PONTOS**

**A CONSIDERAR**

A mulher não será livre

enquanto não for economicamente Independente

1-A libertação da mulher depende em grande parte da sua independência económica. Enquanto a mulher trabalhar as machambas sustentando um marido



indolentemente sentado em casa ta contar as suas cabeças de gado, ela continuará a ser explorada e sujeita à ditadura masculina. Enquanto ela se limitar a tomar conta da casa de um trabalhador, por sua vez explorado pelo patrão, ela estará sempre sujeita a uma sobre-exploração e a servir de bode expiatório das frustrações de seu, marido.

Ela não se libertará enquaiato for oprimida pela tradição

2- Enquanto a tradição permitir os casamentos prematuros que fazem com que adolescentes em idade escolar assumam responsabilidades de mães; enquanto todas as regras do casamento tradicional não forem abolidas, as quais, em última análise, transformam a mulher em propriedade do homem, que desse modo explora o seu trabalho, não em bases de cooperação, mas como senhor e dono; enquanto as gerações mais velhas não derem liberdade de escolha de companheiro às raparigas e mesmo aos jovens, o futuro da mulher estará sempre comprometido com a opressão masculina.

Ela não se libertará enquanto os preconceitos puritanos prevalecerem

3- As mães solteiras são criaturas condenadas na sociedade moçambicana, pelo menos no conceito da grande maioria da população. Frequentemente não se distingue entre uma mãe solteira que vive em casa dos pais e uma mãe solteira que tem de ser tal em virtude de se dedicar à prostituição. Os homens concluem que a única diferença é que uma prostitui-se em «regime doméstico» e outra em «regime mundano». A moça que por qualquer motivo tem um filho ainda a viver em casa dos seus pais vira um joguete nas mãos dos rapazes e até dos homens adultos, porquanto passa a ser um instrumento de prazeres sexuais «sem res. ponsabilidade», para citar uma expressão de uso corrente em Lourenço Marques.

Poucos homens se aventu-ram a uma ligação honesta com uma mãe solteira, precisamente porque receiam a repressão dos outros homens, a qual se manifesta de vá-

Da esquerda à direita: «Miss Laurentina». Foto tirada é\*f Lourenço .Marques xum dos inúmeros conc«tursos de beleza física feminina. Medir a mulher pelo seu corpo e dar-lhe uma coroa quando se acha que o corpo é bem feito se ndo é banalizar a mulher então oque é?

Ao lado: esta mulher carrega o inst rumento-para o seu marido que é quem o toca. Comparar afoto com a que abre este texto

H[NT[ PISADOA POR- RAZOS \*EI

VERADE PO RAOES ECINOHICAS.

10IRPRMISC-HOS.XM

IADE EMH \_REI.0 . oNM,

rias maneiras, desde a falta de consideração às piadas acerca da «mulher em segunda mão».

Ela não será livre enquanto a virgindade for sinónimo de dotes morais.

4- Enquanto os puritanos (que são a grande maioria) continuarem a achar que uma mulher virgem é sinónimo de virtudes morais, devido a raciocínios do género, mulhor com hímen igual a honestidade, boa dona de casa, boa mãe, honra para o homem; e mulher sem hímen, igual a 'desonestidade, má dona de casa, mãe duvidosa, desonra para o homem. Enquanto isto, será escusado falar em igualdade.

Ela nai será livre enquanto confundir liberdade sexual com promiscuidade sexual

5- Isto aplica-se mais á mulher que tem o conceito-capitalista de liberdade, o que a leva muitas vezes a não distinguir entre liberdade sexual e promiscuidade sexual.

#### DA PARTICIPAÇÃO NASCE A LIBERDADE

A mulher moçambicana deve participar activamente em todas as tarefas de reconstrução nacional. Serü nessa participação na política, na economia e na cultura que ela ganhará a sua libertação. E como por características psicológicas a mulher, talvez mais do que o homem, em tudo o que faz, põe em jogo toda a sua personalidade, participa de corpo e alma, como se diz vulgarmente, não duvidamos que (la, desse modo, não só virá a ganhar a tal almejada igualdade em relação ao homem, como também ajudará este a libertar-se dos seus preconceitos.

1

COMPANHIA INDUSTRIAL DA MATOLA, S.A.'R.L.

Olá Amiguinhos!

Estamos no mês dos br'nquedos. Aproveitem ot Matobola para juntar mais um brinquedo àqueles que irão por certo receber pelo Natal.

O vencedor da semana 32 do Matobola foi o menino Jorge Paulo Rodrigues morador na Rua Estevão de Ataide, 2022 - Lourenço Marques.

Jogar no Matobola é ganhar brinquedos para o Natal Olá se é! Chauzinho...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13

2

3

4

5

6

7

lo

13

HORIZONTAIS: 1-Arreda, desvia! (Interj. verb.); assembleia de eclesiásticos convocados pelo seu prelado.

2- Grânulos calcáreos da urina; lagarta da hortaliça. 3- Número plural (em Gramática); decifrara (charadas, enigmas). 4-Nota de música; letra; pref. de negação. 5-Reza; indivíduo de baixa categoria, na Pérsia; ferro temperado. 6- Deuses protectores do lar e da família, entre os antigos Romanos; instrumento músico de cordas, espécie de lira, usado pelos Hebreus. 7- Enxovalhado, sujo. 8- Defeito, pecha; irmãs (fam.). 9- Cachaça (gr. bras.); relâmpago; arco. 10 'Cloro (s. q.); bigorna de ourives; substracto instintivo da psique. 11-O buraco da agulha;

alcalóide extraído da ubaia. 11-Diminutivo russo de Sofia; chinela de cordovão. 13- Grande ave pernalta; gentil, esbelto.

VERTICAIS: 1- Proveito, lucro; essência (fig.). 2 Colar de ouro e prata, usado em Roma, por patrícios e guerreiros; dique, represa. 3--Sapo do Amazonas; lugar de discussão (fig.); pronome pessoal. 4- Pequena embarcação asiática; eia, oh! (interj.); prego' de pinho, usado por sapateiros. 5-Irmã dos pais; conjunto de pessoas mais cultas; espaço de tempo. 6- Para o outro lado (adv. ant.); conduzir a reboque. 7- Suco destilado por alguns vegetais. 8- Semente; penacho. 9- Indignação; manjeriço; ruminante bovino. 10--Meneio de cabeça em sinal de aprovação; abalada, viagem; transpor. 11- Acólito na macumba (bras.); provisão de mantimentos (ant.); espécie de enguia. 12- Moeda persa antiga; indígenas do Brasil que habitam junto das Guianas. 13-Objecto da nossa afeição; designação vulgar do carboneto de sódio (Química).

SOLUÇÃO DO, NOME ANTERIOR

HORIZ. e VERT.: 1- Fecundidade. 2- Avo, aio, dol. 3---Cala, agnome. 4 -O, ume, air, C. 5- Mónaco, C, ut. 6- Aparo, atear. 7- Lá, R, avalio. 8- A, par, age, T. 9- Clímax, oari. 10- Ião, nio, TAP. 11-Assassinato.

1 ~

#### PEDI-SE CRÍTICA

Gostaríamos de conhecer, de ouvir, de saber, portanto, qual a opinião dos possíveis leitores desta secção da «Tempo». Melhor dizendo: há necessidade da sua crítica, que também é forma de participação.

É útil para todos a crítica, assim como não é menos salutar o exercício da autocritica. Por que não entrarmos decididamente nestes hábitos tão sadios?

Enquanto aguardamos, propomo-nos tecer algumas considerações a propósito da sugestão aqui deixada.

Sabemos que toa a crítica tem uma origem, uma razão, queremos dizer, pode partir de e para diversos princípios e fins, .a mesma reflectirá equívocos, realidades e ,contradições que nos envolvem e envolvem a actividade abor-dada. Concretamente, no caso proposto, crítica a esta secção, teríamos que a mesma havia de pôr em evidência quanto envolve o fenómeno desportivo (nosso). O que não deixaria de constituir precioso elemento de estudo.

Ora assim teríamos uma crítica feita a partir do critério defensor do processo desportivo desligado do contexto nacional, 'de um desporto, como se diz, apolítico. Mas ela, a crítica, também pode nascer da ideia da necessidade de uma nova arrancada a partir de toda a ordem de estruturas existentes; seria assim como uma defesa da continuidade do ontem. A tal evolução na continuidade, que chegou a ser frase política de muito agrado (de alguns) mas sem qualquer outro conteúdo que não fosse a pura e simples manutenção do estado de coisas. De verdadeiro estado de sítio.

Admitimos ainda, para este vosso caso, um outro tipo de crítica que poderia surgir fundamentada no ponto de vista da imperiosa necessidade de refundir todo o processo para traçarmos é seguirmos toda uma nova linha de rumo. :

Admitimos, realmente, que pudessem surgir estes três tipos de crítica. Todos seriam de gr-nir utilidade, pois possibilitariam debates, trocas de ideias e

experiências com o que só viria a ganhar, no futuro, o, desporto e a educação física do Moçambique ,Novo.' Não que todos fossem válidos.

Feito o convite e enquanto esperamos, vamos passar a alguns tópicos de agenda de uma autocrítica, para dar o exemplo.

Pensamos, efectivamente, que à luz

da realidade desportiva que dispunhamos, temos vindo a acumular muitas falhas e muitíssimos, desacertos. De nenhum modo teremos correspozido ao que --g exigia ontem e, para mal dos nossos pecados, aqui ou ali, ainda é moeda corrente. Hoje a cada passo ouvimos ou lemos frases, períodos,' títulos que não nos merecem apreço; dada porém a aceitação que se julga ter, quantos não entram neste alinhamento estão, segundo esta óptica, errados. É o posso caso. Restará saber de que lado está a razão.

Não resistimos a- ontar esta. Entrevjstado em vésperas de um jogo considerado de excepcional importância, o responsável técnico de uma das equipas empenhadas nesse desafio não esteve com meias medidas e, peremptoriamente, disse ter medo apenas do árbitro. Ele disse, o jornalista recolheu, o jornal publicou e, por cetro, alguns leitores aplaudiram. Este 'um exemplo de pura expressão do negativismo de processos, em nosso entender. Mas o certo é nem todos yos interessados (no desporto) assim o classificarem, e, portanto, não gravitar nesta órbita, não conquistár aplausos. Aplausos é como quem diz, pois isto não constitui'propósito. Nós aqui, não teremos «pecado» (voluntariamente) neste não alinhamento.

Outras falhas: onde estão as grandes reportagens? As entrevistas especulativas? As interrogatvasque geram emotividade? E as caixas? Enfim, como tem sido alimentad) o processo gimnodesportivo nestas páginas? Diríamos que todas as respostas seriam negativa-. Talvez um fracasso completo. Admitimos.

Ainda dentro destas inotas para uma autocrítica. Queremos dizer, com as referidas posições discordantes, que temos segu;do uma linha dura, isto é, que nunca aceitámos fórmulas de um certo compromisso? É evidente que não. Formas de um compromisso podem bem ser plataformas de uma táctica para serem dados alguns passos em frente.

Para concluir. Temos programadas algumas linhas de acçã, para estas página» onle se n-rlerá descortinar algumas ds tai- -fnrmas de comnromissonunca onelat quer vr'iem às formas e p--)-essos ettsreotin-4ns. de ontem (e ainda muito correntes).

Mas o importante seria a critica de cada um. Isto para iá.

AGOSTINHO DE CAMPOS

#### UTIEBOL PORIUGUS EM FOCO

Foi com agrado- escrevemo-lo convictamente---que o Moçambique desportivo teve conhecimento do excelente resultado alcançado .pela selecção portuguesa de futebol que, na pátria do futebol, e no famoso Estádio de Wembley, impôs um empate sem golos .à selecção da Inglaterra, em desafio a contar para a disputa do Campeonato da Europa de Nações.

Tivemos a satisfação que amanhã Portugal terá quando Moçambique, Angola, Gúiné-Bissau, registarem feitos desportivos no campo internacional. Há razões muito profundas para que assim seja.

Ao invés, já não nos agradou a derrota da equipa nacional de «esperanças», de Portugal, que no Estádio da Luz, em Lisboa, perdeu com a sua congénere da Inglaterra por 3-2. Mas o não nos ter agradado o resultado, tal como -aos portugueses, não quer dizer que uns. e outros tivessem ficado tristes. No Portugal liberto, assim como no Moçambique novo, resultado desportivo não tblda razão.

e  
O Desportivo triunfou no torneio de bola-ao-cesto do clube Real Sociedade.

O Desportivo (juniores) e o Ferroviário (juveniá) confirmaram os seus triunfos no futebol regional de L.M. naquelas categorias.

O campeonato nacional de hóquei em patins teve disputa inéditaI volta na Beira e II em Lourenço Marques.

Foram distribuídos os prémios da regata maratona,- de vela, da classe «Vaurien-74».

#### BOA PROVA DO FUTEBOL TANZANIANO

Em Dar-es-Salam, no primeiro jogo da sua visita à Tanzânia, a equipa soviética do Dínamo de Minsk, da primeira divisão da URSS, 'venceu por 1,0 o Simba, campeão da Kfrica Oriental e da Tanzânia.

A poucos minutos do final do desafio o Simba desperdiçou uma grande penalidade, perdendo assim ocasião soberana de empatar a partida.

«De qualquer modo, o futebol tanzaniano saiu prestigiado, pois não só jogou de igual para igual com o seu antagonista, como demonstrou magnífica intuição para a prática de tão popular modalidade», termina por dizer o telegrama da agência noticiosa.

Claro que não vamos especular com resultados de futebol, nem tão, pouco pôr em paralelo'o futebol russo com o africand, nesta fase. Certo porém que o resultado em si é esperançoso e esti-mulante não apenas para o futebol dos nossos amigos tanzanianos, mas também para todo o futebol africano.

#### TOMEMOS NOTA PARA EVITAR AS MESMAS QUESTOES

Fianarantsoa, capital do Centro-Sul Malgaxe, não verá provavelmente a criação do seu novo complexo desportivo tão cedo, dizem de Tananarive.

O terreno sobre o qual a construção do comrlexo estava prevista, está ocupado por habitantes que se recusam a deixar os seus locais, afirmou a agência Madagáscar Presse.

O projecto, parao qual o governo deu e tinha já consentido um crédito para o início dos trabalhos dum montante de quarenta milhões de francos malgaxes, prevê a construção de um estádio que acolherá de trinta a quarenta mil espectadores, um ginásio coberto para quinze mil pessoas, salas de conferências, de recepção, de fumo, vestiários, etc.

Durante uma recente reunião pública de informação, nesta localidade, representantes dum -partido de extrema-esquerda subestimaram o projecto, que acham «inoportuno». Os créditos assim previstos poderiam ser, segundo eles, utilizados para fins mais úteis e mais urgente que interessassem a toda a população da província.

e

Como\_ serão, efectivamente, as coisas? Não sabemos. Mas tomemos mais esta .nota- este caso- que vem do estrangeiro. Nós, moçambicanos, só nos podemos

'defender destes problemas mercê de atenção e estudo dos mesmos. Aprendendo mesmo com as experiências alheias. Tal como hoje no estudo em Moçambique é pedida a efectiva participação de professores, alunos e pais, também devemos mobilizar todos quantos participam no fenómeno desportivo a fim de, em conjunto, estudarmos as questões e concluir. Assim ajudaremos o Governo do País e não teremos casos como o acima referido. .

Não vimos que o nosso desporto tenha dado um- passo em nova direcção. Tudo vai na mesma, mas para pior. As coisas d"agregam-se e vão mesmo acabar por apodrecer. E é isto que se deseja? Não é com toda a certeza; não haverá ninguém, mal ou bem ao serviço do desporto, isto é, certo ou errado, que deseje afundar o desporto, Nem por sombras.

Mas «ele inclina-se»!

Mas então porquê, se ninguém o quiser afundar?

Estávamos tentados a dizer: por incapacidade. Incapacidade completa (ou quase).

Mas incapacidade de quê?

De se entender que há uma Revolução em curso que deve ser servida com abnegação. E bem, É esta incapacidade de entendimento que está a pôr em eclipse um desporto de uns «tais encantos». Incapacidade.

Mas será que nós estamos enganados?

Reflitamos um pouco sobre a notícia que resumimos e apareceu na imprensa local (eliminamos as referências nominais- o que está eia causa é o espírito revelado).

«Para o jogo da Beira o que temo é o árbitro» - este o título. E nem é necessário entrar'no texto onde, com mais requinte, o mesmo pensamento primário era desenvolvido. ~

Esta uma notícia de hoje. A quem serve este tipo de formação (escrevemos formação, note-se bem)?

Aqui temos, em nosso entender, um cristalino exemplo da nossa incapacidade perceptiva. Realmente assim nao vamos a' lado nenhum.

Como dissemos não. estão em causa pessoas ou clubes. Está, sim, em xeque, -um hábito e uma prática que são pura negação do ideal desportivo que Moçambique exige. Esta parece-nos ser a verdade. Esta e outras do género 'e que continuamos a ser férteis. Quem sabe se para justificar a tal i\*capadade. Seguir esta linha absurda é suicídio.

No autódromo de L.M., na Costa do Sol, realizaram-se provas de promoção de «motocross». Que «promoção»?

) Naquele mesmo local também se realizou uma jornada automobilística de promoção. Mas não só promoção, também para aperfeiçoamento da condução. Regista-se.

Ana Maria Faria e Rui Couto Sousa venceram as regatas de vela da classe «Optimist» organizadas pelo Marítimo de Desportos.

Também há destes casos.

Armando Lobo, basquetebolista (de valor) do Desportivo L. M. fora em Agosto findo para Portugal a fim de representar os «leões» lisboetas, cuja equipa principal é treinada pelo moçambicano Herminio Barreto (que fora há pouco mais tempo para Portugal). Armando Lobo, íamos a dizer, acaba de regressar a

Moçambique. Regosijamo-nos com o facto e oxalá corresponda em tudo e por tudo aos anseios deste praticante desportivo.

Se um dia a voz do nacionalismo moçambicano for ouvida e escutada, lá fora, certamente que alguns hão-de desejar com entusiasmo (não ignorando a espera de alguns sacrifícios ou a perda de alguns privilégios) regressar p a r a ajudar a construção de um país novo. Enfim, a fazer o mesmo que alguns outros que não sendo de berço moçambicano se entregaram a esta terra de alma e coração. Hoje com alguns sacrifícios também. Mas com fé. Fé ideológica.

Ah, se o novo desporto moçambicano pudesse ser construído com intenções à distância já tínhamos superado muitas dificuldades.

Quando estas linhas forem banhadas pela luz do dia já temos, provavelmente, um csmpeão de Moçambiane, de futebol. Não estamos muito seguros de ser coisa assim muito importante se começarmos a pensar na representatividade desportiva (e de espectáculo) 'le um campeonato de futebol, de um futebol muito mais viciado que virtuoso. Não nos referimos a aspectos qualitativos ou pessoais: oueremos referir-nos a asnetcos" organizativos. Organizativos mas não (inteiramente) da prova mas sim internas.

Isto é, o processo de semi-profissionalismo reinante. Já antigo mas que a na- Ana Maria Faria triunfou no concurso de pesca do Marítimo.

® Lígia Rodrigues venceu a prova de natação integrada em festival daquele clube.,'

® Prossegue a disputa da fase final da «Copa Malhangalene» (em futebol de salão).

A Associação de Atletismo marcou para o dia 1 de Dezembro as primeiras provas de corta-mato.

e

da conduziu, salvo a satisfação de vãs glórias e prazer de vaidades baloufas.

Para já poderemos perguntar o que representa o termos tido um campeonato nacional e termos um campeão? O que vamos fazer agora? Deitar foguetes.

Amadeu Castelo, que veio do Vitória de Guimaxrães para Moçambique, no final da década de 40 (ou princípio de 50), é o responsável pelo futebol juvenil dos ferroviários. O Castelo - dos melhores jogadores que pisaram rectângulos moçambicanos - anda exuberante. Tem a sua razão. Os «seus miúdos»- a equipa juvenil - voltou a ganhar o campeonato regional de Lourenço Marques (sem derrotas, se bem nos recordamos). Bisou o título. Ele diz que os miúdos são um caso sério, futebolisticamente falando. São os «seus miúdos». Uma obra.

Uma decepção. Um desgosto. Um desapontamento. Há de novo basquetebolistas americanos nas equipas portuguesas. Um consolo: não os temos nas equipas moçambicanas.

Basquetebolistas americanos nas equipas, na competição, para quê? Se ainda fosse, vá-que-não-vá no ensino. Mas agora na competição, no espectáculo. Para quê?

A experiência não nos disse já oue assim não fomentamos a modalidade? Só perdemos muitas coisas. E loisas também.

Em Portugal começaram as alterações na orgânica desportiva. Aprovou-se um diploma que altera a dependência da educação física escolar e reestrutura a

Direcção-Geral dos Desportos (assim se passa a designar, a ex-Direcção-Geral de Educação Física e Desportos).

Tomamos nota. Convém estarmos atên-

..NDA AGNDA t,

tos, e estudarmos, todas as experiências neste campo para enriquecermos a experiência moçambicana a realizar neste campo.

e

Visando analisar as grandes linhas da estrutura do desporto federado, com vista à sua reorganização em moldes mais correctos que os actuais, nomeadamente no que diz respeito à ligação dos clubes com as associações e destas com as federações, à integração das comissões de árbitros na estrutura associativa e federativa e ao enquadramento do desporto profissional no conjunto do desporto federado, foi, em Lisboa, criado um grupo

-de trabalho que integra representantes do INEF, do Comité Olímpico Português e da Federação Portuguesa de Futebol e de outras federações portuguesas.

Punhamos a notícia na agenda pois será uma outra experiência que interessará conhecer para estudarmos quanto nos pode servir em altura própria.

e

Toda a violência é criminosa. Infelizmente muitas pessoas sabem que é assim. A violência não tem lógica, é absurda, não está no código de moral. Repare-se que dizemos violência.

Lemos em jornal, em- noticia de um correspondente, que num desafio de futebol de salão, em Nampula, aconteceu violência, expulsões de jogadores. Etc.

Mas afinal que pretendem os violentos?

Mas ponham as barbas de molho, o processo (e o hábito) da violência no desporto está de antemão condenado em Moçambique. Vão ver daqui a pouco. Esperem. Gozem enquanto têm tempo, os violentos, os brutos, os maus, os medíocres. Na próxima curva da, estrada está o fim do vosso reino.

A. de C.

e

JORNADAS DE INFORMAÇÃO DESPORTIVA ;UM CAMPEONATO

Tshimpumpu Wa Tsimpumpu, presidente da União dos Jornalistas Desportivos do Zaire e conselheiro na orientação nacional, participou em fins de Novembro, em Bangui, nas jornadas de informacio organizadas nela TT iiii dn«

Jornalistas Desportivos Centro-Africanos sobre o tema «A imprensa desportiva em África»y.

Estas jornadas contaram com a participação de numerosas personalidades do mundo da Imprensa internacional e do desporto, e noimeadamente a de Bourges, director do Instituto Superior de

Jornalismo de Yaounde.

i EDUCAÇÃO FÍSICA

TAMB[M VITORIA

DA REVOLUÇÃO

CUBANA

A ginástica rítmica ou moderna, um



desporto quase ignorado no passado, vem ganhando categoria internacional graças ao respeito que lhe é 'dado pelos organismos desportivos cubanos.

Segundo a «Prensa Latina», aquando do triunfo da revolução, em 1 de Janeiro de 1959, as ginastas existentes na ilha podiam contar-se pelos dedos e na sua maioria provinham das classes sociais mais altas da população.

Quando se decretou, depois do triunfo da grande revolução cubana, a prática gratuita e o ensino sem discriminação racial do desporto, imensos jovens por todo o país, incluindo os dos locais mais recônditos, começaram a receber as suas lições, e hoje, a ginástica moder - cubana conta com várias centenas de participantes femininas, uma equipa nacional que conquistou alguns títulos mundiais e um movimento de mulheres trabalhadoras e donas de casa que conta com mais de 20 mil desportistas.

Estamos perante esta realidade, que nos chega da capital cubana - Havana - mais um exemplo da verdade que há - sempre - nas verdadeiras Revoluções Populares, movimentos do povo e para o povo que o permitem realizar-se. Quando o desporto cubano servia uma «élite» que dimensão tinha? Mas tivesse a que tivesse; dimensão humana é que não tinha de certeza. Veja-se hoje.

#### GINASTAS SOVIÉTICOS EM PORTUGAL

Está em Portugal uma embaixada de ginastas\* soviéticos, da qual fazem parte alguns campeões da modalidade. O presidente da União dos Jornalistas Desportivos do Zaire fez duas exposições; a primeira sobre a imprensa desportiva em África, a segunda sobre as relações entre os dirigentes desportivos africanos e os jornalistas.

e

Uma iniciativa para um dia, entre nós. Os ginastas exibem-se em Lisboa, Barreiro, Marinha Grande, Coimbra, Castelo Branco, Viseu e Porto. O grupo é chefiado pelo Vice-Ministro dos Desportos, Alexander Dromtov e constituído pelos técnicos Dmitriev e Rastorotski e onze atletas, sete femininos e quatro masculinos, tendo o atleta mais jovem 15 anos. Esta visita é promovida pela Associação de Amizade Portugal-URSS, cujo representante, o escritor Alexandre Babo, saudou no aeroporto a embaixada.

Salientamos os 15 anos do ginasta mais novo, preciosa indicação das potencialidades desportivas daquele país socialista.

e

#### DOIS MESTRES DO XADREZ KARPOV E KORCHNOI

Anatoly Karpov, de 24 anos, considerado como a esperança soviética de xadrez, será o aspirante ao título mundial, após o seu renhido triunfo sobre o seu compatriota Viktor Korchnoi.

Neste encontro, que começou no dia 16 de Setembro, Karpov adiantou-se com duas vitórias conseguidas nas segunda e sexta partidas. Depois, ambos os jogadores fizeram sucessivos empates e na 17.ª é Karpov que obtém novo triunfo. Com 3-0, os peritos disseram que Korchnoi estava «liquidado», mas este, aproveitando um erro do seu rival no 79.º movimento, consegue a sua primeira vitória na 19.ª partida. A seguir, a 21.ª, em consequência de outro falhanço de Karpov; Korchnoi, na 19.ª jogada obtém o seu segundo triunfo e aproximou-se perigosamente.

Viktor necessitava absolutamente de outra vitória para igualar, mas nas três últimas partidas Karpov jogou muito seguro e manteve a vantagem, que lhe permite enfrentar o actual campeão do

DOU MUNOU

PARA O ZAIRE ?

Informam de Paris que o Zaire pretende ser o palco do Campeonato do Mundo de Futebol de 1982 ou 1986. Um informador daquele país, declarou na capital francesa que um estádio com capacidade para 200 000 espectadores, financiado pela República Popular Chinesa, vai ser construído dentro em breve.

Mundo, o norte-americano Bobby Fischer.

O grande mestre norte-americano Robert Byrne disse que: «Ambos os jogadores são defensivos, mas Korchnoi arrisca mais e por isso perdeu. Se houvesse tomado mais precauções teria ganho mais partidas».

e

Supõe-se que à semelhança do ano passado B. F. provoque uma «guerra psicológica» -fria ou quente- fora da ética do xadrez. Mas coerente....

XADRE I

( NOTICIA

O dr. Euwe, presidente da Federação Mundial de Xadrez, declarou ter recebido já convites para organizar o Campeonato Mundial de 1975 no México, na Suécia ou na Itália.

Em declarações ao jornal «Vechernaya Moskva», de Moscovo, salientou ter estado já em contacto com amigos «de confiança» do campeão mundial Bobby Fischer para preparar já a final.

Max Euwe esteve em Moscovo para assistir aos últimos jogos da final do torneio de candidatos entre Viktor Korchnoi e Anatoly Karpov.

Fischer ameaçou boicotar o campeonato devido a divergências sobre os regulamentos. Euwe afirmou que as divergências têm de ser resolvidas antes de se encontrar com Fischer para elaborar pormenores do encontro e para escolher o local de realização.

«A primeira condição para a efectivação do «match» para o Campeonato Mundial de Xadrez é estabelecer um clima que satisfaça os dois participantes».

«Os factores a considerar depois prosseguiu Max Euwe - serão aspectos financeiros, e de organização, por forma a tornar possível o encontro. Tendo em consideração esses factores, deve realizar-se num país onde o xadrez tenha sido até aqui pouco popular».

~uma

segurança inabalável. na base duma vida serena.

Companhia de Seguros MUNDIAL E CONFIANÇA DE MOÇAMBIQUE

## ILHAS DE CABO VERDE

GUINE-B

Conakry

Freetown0

"- Bissau Ilhas

Bijagós \* 1 .:Ir

Pode dizer-se que a Guiné foi o primeiro território africano onde Portugal estabeleceu a dominação colonial e que foi também a primeira colónia portuguesa a conquistar a independência. Guiné-Bissau é hoje o nome de um -novo Estado,. nascido pela força do povo em luta e agora plenamente reconhecido pela comunidade internacional.

Para conhecermos um povo, nos seus combates, na sua organização social e na sua vida quotidiana, muitas vezes as imagens valem mais do que as palavras.: Esta reportagem fotográfica tem precisamente o grande valor de nos mostrar, através dos mais variados aspectos, o povo africano da Guiné-Bissau em plena luta de libertação. As imagens falam por

si e quase dispensam comentários. Com pouco mais de meio Milhão de habitantes vivendo essencialmente da agricultura, a população da Guiné tem uma longa tradição de, resistência contra a ocupação colonial e muitas vezes ao longo da :sua história se bateu contra a dominação portuguesa. Praticamente só em 1936 é que a repressão militar conseguiu vencer essa resistência, "pacificando" o território (como então se dizia). Mas. nem mesmo assim foi destruída no povo a determinação de se libertar, de tal maneira que em 1956, numa altura em que muitas nações africanas despertavam para a independência, foi fundado em Bissau o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde. Na sua origem estão alguns homens, um deles quais - Amílcar Cabral -

SENEGAL

Dakar GAMBIA úr.

Bissau-

PÁGINA 47

rI''''':

IMAGENS DA GUINÉ - BISSAU Uma reportagem fotográfica de Koen Wessing

Í,4

L

e.

PÁGINA 49

Guiné-Bissau

O PAIGC começou a luta armada em 1963 com algumas unidades de guerrilha dispersas. Ao longo de dez anos de luta, estas unidades desenvolveram-se até se tornarem num exército poderoso que dispõe dos mais modernos meios.

ficará para a história como um dos maiores combatentes e um, dos mais destacados chefes de toda a África. O PAIGC foi assim a vanguarda dos povos da Guiné e Cabo Verde na sua luta de libertação nacional. Trabalhando na clandestinidade, foi criando entre o povo uma forte consciência política, mobilizando as massas populares, até que em Janeiro de 1963 passou à fase de luta armada, desencadeando a guerrilha em diversos pontos do território da Guiné. Apesar do enorme poderio militar da guerra colonial movida pelo governo português, o PAIGC foi obtendo sucessivas vitórias e conseguiu implantar-se na maior parte do país, conquistando a adesão das populações. Mais de 10 anos de luta contribuíram para cimentar a consciência nacional, para além de qualquer divisão tribal. Mas sobretudo a luta de libertação constituiu uma autêntica revolução popular, transformando profundamente as próprias relações sociais. Era Amílcar Cabral quem dizia, "O maior êxito do nosso combate é o facto de, ao mesmo tempo que nos batemos, termos sido capazes de começar a construir uma vida nova, política, administrativa, económica, social e cultural, nas regiões libertadas". Ao derrotar a opressão colonialista, o PAIGC criou assim condições para que as massas populares tomassem em mãos o seu destino, com vista a eliminar qualquer forma de exploração e a organizar a sociedade em moldes verdadeiramente democráticos.

Durante o ano de 1972 o povo da Guiné elegeu, pela primeira vez na sua história, uma Assembleia Nacional Popular a qual, em 24 de Setembro do ano seguinte, reuniu-se na região libertada de Madina do Boé, avançou os dois passos fundamentais para o nascimento do novo Estado: a proclamação da independência da República da Guiné-Bissau e a aprovação da

Homenagem a Amílcar Cabral, o fundador do PAIGC, assassinado pela PIDE/DGS.

sua Constituição Política. Logo a seguir, dezoito e dezenas de países reconheceram a soberania da nova Nação.

Estas vitórias militares, políticas e diplomáticas do PAIGC, juntamente com as dos outros movimentos de libertação africanos, aceleraram o processo de liquidação do colonialismo português e contribuíram decisivamente para o derrubamento do fascismo em Portugal. O ano de 1974 ficará marcado por esta grande viragem que culminou com o reconhecimento por parte de Portugal da independência da Guiné-Bissau em 10 de Setembro, ao mesmo tempo que se procedia à retirada do exército de ocupação e à transferência de todos os poderes políticos e administrativos para o PAIGC.

seguinte daquele que anteriormente já tinha sido levado a cabo, tendo-se comprovado que a maioria da população do arquipélago adere à linha política do PAIGC.

Estamos a ver como são grandes as tarefas do futuro para o PAIGC: lutar pela integral descolonização das ilhas de Cabo Verde e promover a reconstrução nacional dos povos da Guiné e Cabo Verde, liquidando as consequências económicas e sociais do colonialismo, vencendo o subdesenvolvimento,

promovendo uma sociedade moderna e próspera, enfim liberta da dominação estrangeira, da exploração capitalista e da influência imperialista.

As tarefas do futuro

Assim se confirma o que, já em 1962, afirmava Amílcar Cabral: "Adialéctica da repressão colonial provou que, nos nossos dias, nenhum agressor colonialista pode ser vencedor dos povos decididos a conquistar a sua liberdade". E 10 anos mais tarde insistia: "Já suportámos demasiados sacrifícios, mas estamos decididos a aceitar ainda mais para reconquistar a nossa liberdade e a nossa dignidade de homens, quaisquer que sejam os caminhos a seguir" Esses caminhos foram longos mas levaram à vitória. A acção justa e persistente do PAIGC conduziu o povo à liberdade e à dignidade.

OBRIGADO PAIGC. DJARAMA PAIGC.

A questão da Guiné-Bissau não pode ser vista como um caso isolado. A luta do povo guineense é inseparável das lutas dos restantes povos das colónias portuguesas e muito particularmente do povo caboverdiano. Por isso os movimentos de libertação sempre estreitaram entre si os vínculos de solidariedade no combate ao inimigo comum: o colonialismo e o imperialismo.

O PAIGC nunca abdicou do princípio da unidade entre os povos da Guiné e de Cabo Verde. As suas profundas afinidades históricas e culturais Impõem essa unidade. Por isso o PAIGC continuará a lutar pela independência completa do arquipélago, promovendo também aí a eleição de uma Assembleia Nacional - Popular a qual, soberanamente, decidirá o modo de realizar a unidade dos povos da Guiné e Cabo Verde. Actualmente desenvolve-se nas ilhas de Cabo Verde um intenso trabalho político entre as massas populares, no

Também o ano de 1974 marcou uma etapa decisiva na luta do povo moçambicano dirigido pela Frente de Libertação de Moçambique, reconhecida pelo próprio governo português como o único legítimo representante daquele povo. Assinado em 7 de Setembro, o acordo de Lusaka, além de ratificar o cessar fogo e o consequente termo da guerra colonial naquele território, determinou a formação de um novo governo de transição onde a FRELIMO detém a maioria dos lugares e estabeleceu a data de 25 de Junho de 1975 (12º aniversário da fundação da Frente de Libertação de Moçambique) para o reconhecimento formal da independência de Moçambique. A FRELIMO empenha-se assim na construção de um verdadeiro poder popular que não apenas elimine o poder colonial como ainda destrua qualquer outra forma de regime opressor e explorador. O caminho já está definido como uma via socialista da qual as massas trabalhadoras serão as principais condutoras.

As tarefas de futuro em Moçambique estão resumidas nesta edificação de uma sociedade nova que deve mobilizar todo o povo mas que também tem de contar com a solidariedade internacional.

Em comparação com o que se passa na Guiné e em Moçambique, o processo de descolonização encontra-se, por razões diversas, mais atrasado em Angola, São Tomé e Príncipe e Timor. O caso de Angola, sem dúvida o mais importante, mas também o mais complexo, obrigará a uma luta particularmente cerrada contra todos os interesses neo-coloniais e imperialistas, já solidamente implantados no território e renitentes a ceder posições em favor do povo angolano.

Quanto a isso, só a orientação do MPLA dá garantias de conduzir os destinos de Angola a uma solução justa, sem racismos como também sem concessões às ambições neo-coloniais, pelo que o apoio do MPLA é uma das principais tarefas que se apresentam a todas as forças pro'gressistas.

Pelo seu lado, o MLSTP, Movimento de Libertação sem prática de luta armada mas com uma forte implantação política em São Tomé e Príncipe, tem demonstrado através da vasta mobilização de massas que está na vanguarda da luta dos povos dessas ilhas, organizando-os para que -e tornem senhores do seu destino.

Como vemos, ao contrário de certas aparências ou de juízos apressados, o combate contra o colonialismo português ainda não se pode dar por terminado, antes exige um redobrado empenho. Não apenas é preciso levar até ao fim aquilo que se começou, conquistando a independência completa para todas as colónias portuguesas, mas ainda levar por diante as diversas responsabilidades a que: nos obrigam a lutá solidária contra os inimigos comuns: o colonialismo, o neo-colonialismo e o imperialismo. Além disso e como vimos, a reconstrução de novas sociedades nos países africanos em vias de superarem a era colonial constitui um imperativo para a solidariedade internacional, em particular para o povo português. Confiamos que este povo responda às necessidades de cooperação com os povos irmãos de Africa, sem qualquer pretensão dominadora mais ou menos disfarçada, mas antes segundo relações baseadas na total reciprocidade e no pleno respeito pelas soberanias nacionais.

#### CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO ANTI-COLONIAL

A luta contra o colonialismo entrou numa nova fase, certamente decisiva a partir do momento em que o regime fascista foi derrubado. As vitórias políticas e militares dos Movimentos de Libertação foram determinantes para essa queda do fascismo colonialista e hão-de prosseguir até á independência total dQs povos africanos. Na continuação de um longo trabalho levado a efeito pelos mais variados sectores anti-coloniais, existem agora condições em Portugal para uma informação livre e aberta ácerca da realidade dos territórios africanos, da opressão a que foram submetidos e das suas lutas de libertação. Intoxicado pelas falsidades da antiga propaganda oficial, o povo português tem direito a um completo esclarecimento da situação e saberá mostrar-se solidário com o combate vitorioso dos povos de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor.

O C. I. D. A. C. foi lançado com baáe na confiança do MPLA, da FRELIMO e do PAIGC d tem o apoio de vários comités europeus para a libertação das colónias portuguesas. O C. I. D.A.C. não pretende substituir-se quaisquer outros grupos, nem muito menos' aos militantes dos movimentos de libertação residentes em Portugal; é independente de qualquer partido político e poderá colaborar em todas as acções anti-coloniais que se solidarizem com os objectivos dos Movimentos de Libertação.

São estes os serviços que o C. I. D.A. C. montou e tem à disposição:

- um centro de documentação com livros, revistas, jornais e muitos outros documentos que podem ser consultados e fotocopiados;

- um arquivo de fotografias que podem ser emprestadas para utilização;
  - publicações e discos para venda, nomeadamente livros e folhetos diversos, incluindo textos de apoio ao trabalho de base dos grupos anti-coloniais;
  - filmes e montagens audio-visuals (coleções de slides e cassettes gravadas) que podem ser alugados;
  - outro material de propaganda como cartazes, emblemas, bandeiras, tarjetas, postais, etc.
- Além disso o C. I. D. A. C. anima diversas iniciativas não só no domínio da informação, mas também no âmbito da solidariedade com os povos das colónias e os seus Movimentos de Libertação.

dinheiro  
 guardado  
 em casa  
 não está seguro  
 não venha  
 a depositar na  
 Caixa Económica do  
 Montepio e obtenha o máximo  
 rendimento participando  
 simultaneamente na  
 construção do 1  
 Mocambique,  
 .. novo  
 MONTEPIO  
 O GRANDE MEALHEIRO DE MOCAMBIQUE

Textq: MENDES DE OLIVEIRA

Fotos:  
 RICARDO RANGEL

Embora bem definidas pelo Ministério de Educação e Cultura as tarefas deste primeiro período de aulas- mobilização de alunos e professores e seu engajamento nos métodos de estudo colectivo iria depois em conjunto ao longo do resto do ano lectivo participarem na definição de novos caminhos para o ensino decorridas três semanas, do mês e meio de trabalhos que durara este período, tudo continua a processar-se na mesma -à «maneira antiga» - nas escolas preparatórias. A não interiorização da necessidade de reconverterem os seus métodos de trabalho, a falta de iniciativa, de interesse e nalguns casos até o boicote, por parte da maioria dos professores, parece ser o principal motivo da não iniciação do processo. Pelo que nos foi, porém, dado observar cabe também ao grupo de professores que chamou a si a tarefa de dinamização do processo parte da responsabilidade da não arrancada. Vejamos mais pormenorizadamente do que !n., devia ter já feito, o que se fez, o que se está a fazer e os porquês do que se ainda não conseguiu fazer.

APAI BOI"

Com dois meses de atraso em relação à data em que normalmente se iniciavam, começaram no passado dia 11 de Novembro, as aulas do ensino secundário.

Devido a esse atraso- que reduziria o primeiro período a pouco mais de um mês- e especialmente à necessidade de se adaptarem as unidades de ensino, professores e alunos ao novo sistema de educação que se pretende instaurar no país, decidiu o Ministério da Educação que este período não contasse para a classificação dos alunos, que seriam classificados em dois ou três períodos de fins de Janeiro a fins de Agosto do próximo ano, tempo julgado suficiente para a aquisição dos conhecimentos dos programas estabelecidos.

Segundo determinação do próprio Ministro de Educação e Cultura feita pessoalmente em reunião efectuada com os professores quando do início das aulas, e circular do mesmo Ministério distribuída por todas as escolas e liceus, este período será «um período de engajamento de alunos e professores na preparação do estudo colectivo que irá decorrer durante o ano».

Ainda segundo essa determinação, todos os alunos e professores deverão ter uma participação activa no processo de transformação do sistema de Educação e Cultura, sendo cada escola «uma célula de produção» onde cada ponto dos programas das várias disciplinas será motivo de crítica por professores e alunos e analisado o seu conteúdo «à luz do contexto sócio-político-económico regional e nacional». As experiências adquiridas deverão ser sintetizadas e de acordo com as conclusões dessas experiências elaborados no fim do ano «dossiers», que servirão de pontos de partida à reconversão dos métodos de trabalho e programas.

Formação e programa de grupos dinamizadores nas escolas

Respondendo à necessidade de criar dentro das escolas estruturas capazes de assegurar o desenvolvimento correcto do processo e coordenar as várias acções impos-

tas por essa reconversão, e com vista à futura formação de Comités Políticos das escolas, constituíram-se diversos Grupos Dinamizadores.

Com vista a definir linhas gerais de actuação e dentro do espírito acima referido, resolveu um grupo de professores das diversas unidades de ensino particular e oficial do Ciclo Preparatório constituir-se também em «Grupo Dinamizador do Ciclo Preparatório». Do seu trabalho de planeamento saíram diversas propostas, nomeadamente de linhas de acção a nível político, pedagógico, cultural e social, que deveriam depois de sujeitas a aprovação e aprovadas ser postas em prática em todas as escolas.

A nível político era proposta a divulgação da linha política da FRELIMO através de reuniões regulares -de esclarecimento, constituição de grupos de estudo e leitura colectiva, divulgação de textos, projecção de filmes e elaboração de jornais de parede.

A nível pedagógico era

proposta a formação entre os docentes de grupos de tra-



SE DEACCO Dos PROFESSORES DE MALA FEITA [AM  
TRANSFORMACAI, Do SISTEMA DE ENSIM.

Segundo opinião recolhida junto aos grupos dinamizadores das diversas escolas a maior dificuldade na iniciação do processo tem sido a mobilização dos restantes professores

trabalho que, intra-escolar e interescolar, a nível de disciplina e envolvendo todos os professores, promoveriam reuniões periódicas com o fim de estudar as alterações metodológicas e de conteúdo das matérias, das diferentes disciplinas e a organização dos alunos.

A nível cultural eram propostas a organização de exposições, visitas de estudo, palestras e projecções e o encorajamento à formação de grupos de leitura, teatro, cinema, jornalismo.

A nível social a proposta era de colaborar com as comissões de turma - estrutura a criar dentro das turmas

- na resolução dos problemas sociais dos alunos- (alimentação, aquisição de material didáctico, transportes, assistência médica e medicamentosa) e promover o de-

Para além destas linhas de orientação duas outras propostas foram elaboradas pelo referido grupo. Uma sugeria a promoção de reuniões periódicas com os pais de alunos «a fim de incentivar a sua participação em todos os níveis na vida da escola».

A outra referia-se ao aproveitamento das horas semanais dedicadas ao estudo da Religião e Moral, disciplina de carácter «alienatório e deformante», ao serviço da educação cívica e iniciação política.

Desta nova disciplina seria excluída toda e qualquer orientação religiosa. O seu objectivo seria antes «incutir na criança os princípios universais de justiça, liberdade e fraternidade, fundamentos

básicos por que se devem reger todas as sociedades humanas».

Para sua orientação era sugerido um plano considerando os seguintes pontos e que, pelo seu interesse, transcrevemos:

- 1--A igualdade, a liberdade e a fraternidade entre os homens.
- 2- Todos os homens nascem e devem permanecer livres e iguais em direitos. O conceito da democracia.
- 3- A origem das desigualdades entre os homens.
- 4- Os interesses económicos como causa principal das guerras.
- 5-A ambição leva certos homens, certas sociedades, certos países a explorarem outros homens. outras sociedades, outros países.
- 6- Essa exploração dá origem a que muitos homens  
- A África - suas ilhas. A exploração a que tem sido sujeita. Causas dessa exploração.
- 8- Os movimentos de libertação africanos como luta do homem para conquistar a sua dignidade.
- 9 -A. independência dos povos africanos. Os perigos do neo-colonialismo.
- 10- Moçambique. Moçambique no período colonial. Os movimentos de libertação em Moçambique. O aparecimento da FRILIMO.

11-Os movimentos de libertação e a derrota, do fascismo em Portugal. 0 25 de Abril.

12 - Moçambique e o futuro. Quem somos, as nossas dificuldades, as nossas riquezas e o trabalho a realizar para as convertermos em progresso.

13- As palavras de ordem. A necessidade do seu cumprimento.

## ESCOLA DO NOROESTE: PORQUE A EXCEI

Do es novos

A aplicação de estudos sociométricos nas aulas de educação física está a servir para a associação dos alunos em secções, com vista à reestruturação das turmas. O estudo colectivo entre professores e alunos sairá métodos e novos livros para o nosso ensino.

Dos planos à arrancada: o passo que tem que ser dado

Definidas as necessidades e estabelecido o plano de trabalhos, iniciadas as aulas, os professores do grupo dinamizador partiram cada um para a sua escola com o fim de, conseguir a aprovação das propostas, mobilizar, professores, alunos e funcionários, atribuir-lhes tarefas de modo a enquadrá-los na execução correcta do plano, dinamizar essa execução e coordenar os trabalhos.

Até ao momento em que escrevemos este trabalho como dissemos três semanas após o início das aulas—não voltaram, porém, a encontrar-se a nível de grupo dinamizador.

Não podendo assim por confronto directo de experiências avaliar o progresso do trabalho do grupo, resolvemos recolhê-las escola a escola em conversa com os elementos do grupo colocados em cada uma. Dessas avaliações particulares tivemos que concluir, avaliando agora de modo global, o trabalho do grupo foi até agora muito pouco «conseguido».

Comum a todas as escolas, o maior obstáculo tem sido para os elementos dos círculos dinamizadores a mobilização dos restantes professores que, apáticos, adormecida toda a sua iniciativa criadora e viciados no cómodo «velho regime» de «cumprir-para os mais honestos, o melhor possível-o que vem de cima», e talvez não suficientemente motivados por esses elementos dinamizadores, mostram resistência em interiorizar a necessidade de reformar os seus métodos de trabalho e participar neste esforço extra-ordinário.

Nalguns e é até mais do que apat

que lhes é exasperante o problema grave, algo mais sério. Segundo nos uma das escolas, muito do desinteresse manifestado pelos professores deve-se ao facto de muitos deles, embora tendo-se proposto a aceitar o encargo terem já «as malas feitas». Custa-nos acreditar que a desonestidade chegue a esse ponto. Mas...

O que não se iniciou: quase tudo

A primeira tarefa a cumprir pelos elementos dinamizadores seria, como é óbvio, conseguir a aprovação das propostas planeadas. No circuito que fizemos pelas

escolas constatámos, porém, que à excepção da Escola de Noroeste, não haviam sido- apro-

vadas por nenhuma. Escolas há em que as propostas não foram ainda sequer postas à consideração dos professores....

Como consequência, as tarefas a propor estão na sua quase totalidade por iniciar na maioria das escolas.

A substituição da disciplina de Religião e Moral pela de Iniciação Política ainda não foi conseguida em nenhuma das escolas.

A nível político, à excepção de -uma ou outra sessão de esclarecimento -'às quais não comparecem normalmente os professores, quem talvez mais necessitava e que, por isoladas, sem carácter de regularidade, sequer continuidade, pouca ou nenhuma eficiência têm- só se têm feito jornais de parede.

A nível pedagógico, e aqui boicotando não só o trabalho proposto pelo grupo dinamizador como, por coinciden-

4

~

~

j

CRI

$\frac{3}{4}$

iA

4

$\frac{1}{4}$

4

$\frac{3}{4}$

4

4

$\frac{3}{4}$

#### s, AC CAÇO CIVICA E INICIAÃ POLITICA SUDJTII' RELIGIÃO E MODRAL

tes, as próprias determinações do Ministério, a maioria dos professores não só não vai às reuniões intra-escolares como continua a dar da sua catedrazinha as matérias como sempre deu ou como lhe apetece. Também ainda se não realizaram em relação a qualquer das disciplinas nenhuma reunião interescolas.

A nível cultural - neste campo é até certo ponto admissível em virtude do pouco tempo de aulas, -ainda não se executou nada do que havia sido proposto. A nível social, à excepção de inquéritos feitos pelas escolas de Noroeste e D. Ana e de um estudo para resolução do problema de transporte dos alunos que está a ser executado pela escola de Noroeste, todas as outras parecem continuar satisfeitas em funcionar no sistema de «escolas» tipo «Mocidade Portuguesa», preferindo-o ao mais moroso, claro - processo' de avaliação das necessidades prioritárias e da planificação correcta do emprego das verbas, não tão grandes como seria de desejar.

Organi dos alunos

tarefa prioritária

Se seria ideal que nesta altura já estivessem esbocadas as estruturas para a arrancada de todas estas tarefas, uma há que por imprescindível à realização dá maioria das outras se torna prioritária: a correcta organização dos alunos.

O processo proposto foi, como dissemos, a organização das turmas em «comissões de turma».

Embora aceite já na maioria das escolas a inovação que visa substituir o tradicional chefe-de-turma---casos

há em que professores, que no conselho haviam consentido a proposta e a decisão de pô-la em prática, a boicotaram nomeando chefes de-turma «para as suas aulas»....

De um modo geral, embora ainda mal definidas as tarefas das diversas secções em que se dividirão as turmas, o processo começa porém a esboçar - se. Se como, por exemplo, nas Escolas D. Ana, General Machado e da Matola a formação das secções se irá processar através das tarefas criadas por oferecimento voluntário dos alunos para a execução das diversas tarefas, no caso, por

Nem tudo está porém a ser negativo e, ou enquadradas nas propostas do grupo dinamizador ou provenientes de outras propostas, já se estão a realizar experiências de muito interesse.

Praticadas nas aulas de Trabalhos Manuais foram introduzidos na Escola de Noroeste o ensino de jardinager, na Escola da Matola a colima de uma machamba colectiva.

Na quase totalidade das escolas as «faltas disciplinares» estão já a ser substituídas por críticas e autocríticas a nível de turma.

Em alguns das Escolas estuda - se processo de criar «Comissões de Gestão» das escolas, organismo que incluirá professores, alunos, funcionários e -pais de alunos.

Nas escolas em que há alunos de ambos os sexos pia-nifica-se (na Escola de Noroeste isto é já uma realidade) a reestrutUração das turmas, de modo a substituir as turmas de alunos me u só sexo por turmas miss. Ainda na Escola de 'Noroeste já foi estabelecido contacto em reunã comum com os Comités de Bairro vzinhões para est'reifaento de relações e convite à participação dos moi-adores na resolução dos problemas da escola dos seus bairros.

Escola do Noroeste: a excepção

Pelo que ficou exposto é bem e.'idente a distanciação da Escola de Noroeste em relação às outras na produção de trabalho correspondente às diversas tarefas propostas. O facto deve-se com certeza a que, enquanto os elementos dinamizadores das outras escolas ainda continuam a trabalhar praticamente isolados, naquela escola o círculo dinamizador conta já com a aderência activa de trinta professores.

A que se deve esta diferença de tão notória catalização? Dever-se-á somente a mero acaso? Quer-nos parecer que não. Segundo, aliás, autocrítica feita por alguns elementos do grupo dinamizador a sua falta de êxito deve-se em grande Parte 'à

O engajamento dos alunos no estudo colectivo deve ser preocupação imediata na reconversão do ensina

falta de dinâmica por parte desses elementos que, ou afectados pelas frustrações das primeiras tentativas de contacto, ou nalguns casos receosos de empreender até esses primeiros contactos que julgam, de antemão, com largas possibilidades de não ter êxito - se tem retraído, virando de certo modo as costas à luta.

Foi-nos sugerida num4 dessas escolas uma medida que talvez desse efectivamente resultado: a deslocação de «grupos de apoio» de elementos das escolas já mais organizadas às ainda por iniciar o processo, a fim de transmitirem os resultados das suas experiências e deste modo encorajarem os outros na arrancada. Pensamos que o processo resultaria. E pô-lo em prática não será difícil...

Tarefas imediatas: organização, crítica e autocrítica

Mas, com ou sem apoio, a nível interescolas, duas tarefas têm que ser iniciadas o mais breve possível a nível de cada uma das escolas. Primeiro a organização dos alunos em estruturas que permitam a participação activa-de todos e fomentem o hábito do trabalho colectivo.

Simultâneamente, o aliciamento dos professores na obrigatoriedade de consciência de participarem nas reuniões periódicas das disciplinas para troca de experiências, planeamentos comuns e especialmente fomento das capacidades crítica e autocrítica, falta por diversas vezes apontada como dos principais inibidores à participação da grande maioria dos professores nas reuniões. Em relação a este aspecto estamos até em crer que quanto mais experiências forem feitas-dentro, claro, do mínimo que exige o senso comum-mais rica será a bagagem para avaliação final e definição correcta dos programas. Para tornar o trabalho, útil as experiências devem, contudo, como é óbvio, ser recolhidas em relatórios em que além, de detalhar o processo usado devem relatar e tecer considerações sobre os resultados obtidos.

Importa também a curto-prazo pôr a funcionar a disciplina de Iniciação Política.

NAI LEVFS MAIS...

Um enorme caixote, colocado no passeio da Avenida D. Luís junto à entrada do «Prédio Rubi», cõmplicou, durante a tarde e noite do passado dia 27, a passagem de peões que diariamente utilizam aquela movimentada artéria. E, naturalmente, foi motivo da curiosidade geral e até de alguma especulação sobre o seu possível dono.' Nas proximidades do local, havia quem afirmasse que o caixote tinha sido feito por ordem de uma conhecida personalidade locaY o que, segundo o nosso colega «Notícias» informava na sua edição do dia seguinte, não tem fundamento.

Mas, fosse quem fosse o autor da encomenda (ou da brincadeira), o-cidadão moçambicano não deixou de manifestar o seu descontentamento pelo facto de o enorme caixote ter sido colocado em local tão impróprio e por aquilo que ele eventualmente significava. E, tantas foram as horas de exposição do objecto, houve quem se permitisse manifestar a sua opinião - extremamente critica como se pode ler na gravura

-escrevendo na madeira com giz branco. Aliás, um procedimento que pode ser tomado como forma de participação, que importa seja extensivo a todos os sectores e a todos os locais. Isto é, o importante é que cada cidadão consciente do momento que vivemos e da sociedade em que se "integra, saiba manifestar as suas opiniões livremente e saiba participar com as suas críticas na resolução dos problemas da comunidade. Neste caso concreto, o modo como é encarado o gesto daqueles que voltam as costas à construção deste país ressalta nas afirmações que durante um dia e uma noite os transeuntes da baixa da capital puderam ler (e escrever) nesse caixote estranho que surgiu, assim como um autêntico símbolo de defectismo e falta de coragem - mas que a opinião pública soube recuperar e transformar numa lição de civismo.

Agora,  
novas taxas de juro,  
ago a ra seu maior  
p enefício e para um  
novo impulso ao progresso  
iposito de Moçambique.

e mEPOSITS A PRAZO  
SUPERIOR A 1 ANO  
E INFERIOR A 2 ANOS

-8°1  
DEPÓSITO. A PRAZOIGUAL OU SUPERIOR  
A 2 ANOS  
9%

Não guarde, pois,  
o seu dinheiro em casa.  
Dê-lhe o máximo  
rendimento,  
para si e para Moçambique,  
depositando-o 1  
INSTITUTO DE CREDITO DE  
MOÇAMBIQUE  
Trabalho de hoje, Moçambique de amanhã

A publicação do Decreto-Lei 15/74, que determina que «os reclusos, condenados pela primeira, vez podem agora trabalhar fora das prisões, para- entidades públicas e privadas», vem sem dúvida ao encontro das imediatas aspirações do novo Moçambique, especialmente no que se refere à necessidade de todos trabalharmos em benefício da reconstrução nacional.

Mais do que pesada, a herança do colonial-fascismo é trágica. Por isso mesmo, não estamos em condições de desperdiçar o trabalho de homens que, antigamente, uma vez condenados, eram irremediavelmente e definitivamente colocados à margem de todo e qualquer contacto com a sociedade onde, afinal,

haviam adquirido os vícios e as taras que os levaram a prevaricar e a atentar contra ela.

Assim o entendeu o Governo de Transição moçambicano. E, em vez de olhar os reclusos com a desconfiança ou o ódio com que os olhavam as autoridades do antigo regime, pelo contrário, oferece-lhes, antes, a possibilidade de, mesmo detidos, trabalharem pela sua Pátria e pela colectividade, continuando a sentirem-se homens válidos e não pesos mortos e inúteis. Como se leprosos fossem!

Na verdade, um preso continua a ser, acima de tudo, um Homem. A sua reabilitação é uma obrigação, é um dever e um direito que ninguém poderá negar-lhe. Há, por outro lado, vários outros aspectos que é oportuno considerar. O caso, por exemplo, da extrema e perniciosa ociosidade dos detidos, desabitua-ndos de toda e qualquer forma de trabalho.... ou revoltando-os ainda mais pelos trabalhos excessiva e desumanamente forçados que são obrigados a cumprir.

Q referido diploma não Só lhes possibilita a prática de um trabalho humano e de algum modo necessário à colectividade a que pertencem, como, ao mesmo tempo, remunera esse mesmo esforço e esse mesmo trabalho. Cremos que só assim, com esta política de compreensão e justiça, se podem reabilitar aqueles que pelas mais diversas razões prevaricaram mas que nem por isso devem ser tratados como indivíduos «repelentes » e, sobretudo, nem por isso deixam de continuar a ser homens capazes de contribuir para a construção do (seu) País. Parece-nos, porém, oportu no sugerir que sendo a agricultura a base do nosso desenvolvimento, seria pois na agricultura que a maioria doa reclusos poderia (deveria) ser utilizada, não só colaborando com aqueles que a ela se dedicaram, mas, convém sublinhá-lo, aprendendo tudo quanto à agricultura concerne - e podendo, amanhã, uma vez livres, uma vez paga a sua dívida para com a Sociedade, encetar trabalho digno, dinâmico, significativo e responsável, conhecedores, então, do valor e da importância - isto é: dos objectivos - do amanho da terra-mãe e dos incomensuráveis benefícios que dai advêm para o Povo.

Nação vastíssima, quase totalmente ,inexplorada, com campos imensos à espera de braços que para eles se estendam com o carinho e o interesse que merecem e há muito esperam, Moçambique precisa, mais do que nunca, do trabalho. destes homena. E esta seria, talvez, a melhor, a mais humana forma de lhes mostrar que não é por estarem presos que os Homens são menos Homens. Ou menos necessários. Sobretudo quando o que está em jogo é a construção de um novo, belò e próspero País-e é isto que Moçambíque quer ser.

ROBERTO CORDEIRO

<<:1 o-

umr

bem

da natureza MONTEMOR

MONTEMOR'.

